

- **Miguel Juliano e Silva**
- **Jaraguá • Um Retrofit**
- **Dissertação de Mestrado**
- **FAU • USP**
- **Mestre**
- **Projeto Arquitetônico**
- **Prof. Ubyrajara Gilioli**
- **São Paulo**
- **2006**
- **01**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

English Summary

- 1 • Introduction.
This chapter tries to give a general view of prewar São Paulo's civil construction conditions.
- 2 • Downtown São Paulo in the late forties: How the city sped up its growth, luring european inmigration.
- 3 • European architects bound to São Paulo before the burst of World War II.
- 4 • Jacques Pilon & Franz Heep
A french architect, a prewar São Paulo's dweller he designed over 60 buildings. The other a german, arriving just after the WW II and how he succeeded re-designing the Jaraguá building.
- 5 • The rise of violence in the twentieth century second half and its presence in the hotel's life.
- 6 • 1954 was the Fourth São Paulo Centenial Celebration, being this the year Jaraguá Hotel opened officialy into operation.
- 7 • Eldorado: a high standard radio station that enriched São Paulo music broadcast.
- 8 • The building exhaustion after 45 years of intensive operation.
- 9 • 2004: The recovery of Jaraguá Hotel building, its **retrofit** an subsequent re-opening in the 450th São Paulo anniversary.
- 10 • The long term standing of architecture as a state of art.
- 11 • Complements

ÍNDICE

- 1• Introdução
- 2• Final dos anos 40 e o centro da cidade
- 3• Arquitetos europeus em São Paulo
- 4• Jacques Pilon e Franz Heep
- 5• A violência na segunda metade do século XX
- 6• 1954 O Hotel Jaraguá e o IV Centenário da Cidade
- 7• A Rádio Eldorado
- 8• A Exaustão do Edifício
- 9• 2004 O edifício recuperado: o retrofit e reabertura
- 10• A permanência da obra arquitetônica
- 11• Anexos

O Narrador

“Quem faz uma viagem traz sempre alguma coisa para contar, diz a voz do povo a pensar no narrador como alguém que vem de longe. Mas não se ouve com menor agrado quem ficou a trabalhar no seu país, e que conhece as suas histórias e tradições.”

Walter Benjamin 1936 “O Narrador” *in* “Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política”



1 • Introdução

A tecnologia antes da tecnologia

Por militar na profissão há tantos anos, gostaríamos de documentar como eram em São Paulo as etapas de desenvolvimento de projeto na época em que iniciamos nossa vida profissional, no final dos anos 40. Após a elaboração dos **estudos preliminares e anteprojetos** feitos totalmente à mão, quase sempre com emprego de cores e sobre papel-manteiga, *Fabriano* ou *Canson*, seguia-se o **projeto legal** (em papel vegetal), dito “de prefeitura” (único órgão público em que se aprovavam projetos). Depois de aprovado, se desenhava o **projeto executivo**, em escala maior e com medidas precisas.

Como havia dificuldades de reprodução gráfica, feitas exclusivamente através das cópias heliográficas, o projeto ia recebendo novos dados: da estrutura, das instalações **sempre sobre o mesmo original** em papel vegetal, que as vezes ficava ralo de tanto ser raspado e apagado. Somente das obras maiores ou mais complexas se chegava a fazer um segundo original sobre papel vegetal e as vezes com tinta nanquim. Até essa época, as obras e seus componentes eram completamente artesanais. Tenho certeza que foi nossa geração que começou a fazer o **projeto básico**, então chamado “**pré-execução**, mais tarde **pré-executivo**”, porque se fez necessário ter um **desenho de trabalho**, que se apagava (ou se raspava) a toda hora, refazendo-se por cima.

Reportamo-nos aos anos do imediato pós-guerra, quando a maioria das construtoras não fazia sequer projetos das instalações elétricas e hidráulicas, mas apenas o projeto estrutural. Algumas delas tinham até

seu próprio calculista como funcionário *full time*. Após a contratação das instalações, incumbia-se às empreiteiras de todo o restante. Entre elas, as mais caprichosas esboçavam sobre uma cópia heliográfica as redes unifilares elétricas e hidráulicas, que ficavam afixadas na obra para dirimir dúvidas dos seus encanadores e eletricitistas que por sua vez, introduziam as modificações que achassem melhores ou mais baratas. O máximo que tocava aos arquitetos mais cuidadosos fazer era locar as pias, os tanques e as peças sanitárias. Daí existirem casas e apartamentos muito bem projetados com banheiros e cozinhas inaceitáveis. Um excelente recurso disponível à época era o livro *Construções Civas*, de Alexandre Albuquerque, que tudo esclarecia, desde os *inputs* básicos dos projetos, às tarefas mais complexas de execução da obra. Entre os ensinamentos de execução havia até o de **como fazer impermeabilizantes** no próprio canteiro da obra quando alguma laje ficava exposta, sem cobertura. Eram manipulados vários componentes (entre eles sabão líquido), com os engenheiros orientando os operários sua manipulação nas proporções corretas.

Não era mais assim nos países adiantados. Estávamos, como sempre, pagando o preço do atraso da nossa indústria.

A vida era mais simples, e também os projetos, as construções e sua execução, esta sempre dependente da habilidade e experiência de artesãos espanhóis, portugueses e principalmente italianos então abundantes no mercado da mão- de-obra. O fim da migração europeia, em consequência do Plano Marshall, nos trouxe, naqueles anos, primeiro o convívio e, logo após, a substituição dos europeus por nordestinos. A

esse convívio inicial dos dois grupos devemos o pejorativo “baiano”, que daí se originou. A construção civil paulista é provavelmente a maior causa da migração interna que fez São Paulo crescer tanto. É claro, coadjuvada pelas secas periódicas e pela maior pobreza do norte e nordeste.

A proporção que os prédios se tornaram mais complexos, os componentes construtivos passaram a ser industrializados também entre nós, foi assim que entramos na pré-industrialização da construção civil.

Lembro-me de um dia, numa discussão entre os arquitetos no IAB, alguém dizer pejorativamente: “*Daqui uns tempos seremos iguais aos EUA, onde existe um catálogo O Data Sheets que traz nas suas páginas todos os componentes construtivos numerados página a página*”. Lá já se projetava a partir dessas peças industriais prontas, indicando-se nas plantas apenas o número do detalhe no *Data Sheets*, cujas folhas eram transparentes e destacáveis, deixando muito reduzido para os arquitetos americanos o trabalho de detalhar os componentes das obras.

Os **computadores** trazem, hoje em dia, em seus **menus** padronização semelhante. Não discutimos que isso seja um bem ou um mal, porque trata-se de uma evolução técnica inexorável. Entretanto, ele retira parte do trato pessoal de cada arquiteto, levando junto um pouco da originalidade e de sua própria personalidade, tão vivas até o passado recente.

A reprografia manual

Antes da existência das copiadoras, todos os escritórios faziam suas

cópias heliográficas “em casa”. Existiam dois tipos básicos de cópias heliográficas: as negativas e as positivas, esta posterior àquela. As negativas ou ferroprussiato com fundo azul forte, e os traços do desenho em branco, que depois de expostas ao sol ou a uma lâmpada cialitica dentro de um quadro emoldurado com vidro em uma face e um fundo basculante na outra, onde eram cuidadosamente justapostos o original e o papel virgem. Eram após isto revelados mergulhando-as num tanque de água e, em seguida, dependurados a secar em um varal presas por prendedores de secar roupa.

No caso do papel positivo, a revelação era feita numa caixa com duas câmaras comunicadas por uma tela, tendo na inferior (menor) uma tigela com amoníaco e na superior as cópias a serem reveladas. Os escritórios possuíam tanques e varais para as cópias negativas e um quartinho escuro para as positivas. Essa tarefa, pode-se imaginar, cabia aos desenhistas, aos poucos estagiários e as vezes, até mesmo as secretárias.

As aprovações de projetos em São Paulo

Cópias heliográficas dos originais eram enviadas à Prefeitura e após 10 ou 20 dias recebiam um carimbo de “aprovado”, sendo emitindo conjuntamente o **Alvará de Licença**. O Departamento de Obras da P.M.S.P. ficava na Rua Boa Vista n° 59, na sobreloja. Cerca de vinte engenheiros trabalhavam na contínua tarefa de examinar e aprovar as centenas de projetos, pois se construía muito em São Paulo. A Prefeitura

só examinava o que era da conta dela. Hoje em dia examina também o que não é.

Até os anos 50 o sistema de escolha daqueles engenheiros era este: os que eram diplomados em primeiro lugar na Escola Politécnica e no Mackenzie tinham direito ao cargo de engenheiro municipal ali na aprovação, ou num dos demais setores de obras municipais. Por isso, eram todos muito bem preparados, a burocracia quase inexistente, tudo andava rápido e não havia corrupção, pelo menos nas aprovações. Já nas obras...falava-se em 5% ou 6%. Pois tudo então era mais barato!

Muita legislação nova foi sendo agregada as antigas, como que em camadas, o que deixou a tarefa de aprovar projetos quase insuportável nos dias atuais. No momento em que escrevemos este trabalho, há uma entrevista de Oscar Niemeyer na Folha de S. Paulo classificando a burocracia de nossa prefeitura de “burra e kafkiana”.

Figuras importantes de nossa profissão tentaram melhorar o sistema a partir de 1955 e uma delas foi o professor **Anhaia Mello**, da FAU-USP, um arquiteto de prestígio. Anhaia conseguiu fazer muita coisa, porém sem nunca chegar a nos livrar totalmente do que vinha lá de trás, do velho e decrépito *Código de Obras Arthur Savoya*, de 1933, que por sua vez, incorporava coisas ainda mais antigas do século XIX. Daí, o processo aprobatório ter ficado extremamente burocratizado, como é hoje. Os técnicos que a Prefeitura consegue agora contratar, na maioria, não são treinados, e poucos entendem bem o que estão examinando.

O Rio e São Paulo

É preciso lembrar que até lá, pelo final dos anos 40, no Rio de Janeiro a qualidade dos projetos era bem melhor que a nossa. Por quê? Sendo então a capital do País e mais cosmopolita, o Rio contava ainda com a presença do governo federal, que sempre decidiu sobre as obras principais. Basta olharmos para o edifício **Ministério da Educação** 1937/43, rigorosamente bem construído, recebendo acabamento lapidar, mostrando haver saído de projeto executivo cuidadosamente detalhado. Diferentemente de São Paulo, as áreas de terreno destinadas à construção, no Rio são de maior amplitude. A cidade, além de ser mais dispersa, demoliu morros inteiros, conquistou do mar várias áreas com grandes aterros que lhe deram uma urbanística condizente com sua importância.

Com a mudança da capital para Brasília e o fato de São Paulo ser mais rico, de poder construir mais e, o resto do País poder muito menos, deslocou rapidamente a decisão de grandes obras para cá, sendo o Rio definitivamente superado pelos paulistas. Contribuiu claramente para isso a maior **presença da iniciativa privada** nas obras em todo o País, dado a já visível **exaustão** dos recursos públicos federais a disposição de obras civis.

Não é negligenciável, também, o aparecimento simultâneo de **aditivos** que tornaram mais viável e mais bem acabado o **concreto aparente** que se firmou mais em São Paulo. Tiveram também seu peso os novos sistemas de **cimbramento reutilizável** e as **formas recuperáveis**,

concomitantemente à chegada de processos de pré-moldagem (amplamente utilizados na reconstrução das cidades européias mais atingidas pelos bombardeios da Segunda Guerra Mundial).

O mais utilizado deles foi o sistema *Porte des Lilas*, tecnologia francesa ainda em uso aqui, mas há tempos aposentada na França.

A abertura de uma filial paulista da empresa francesa **Dumez**, segunda maior construtora do mundo, detentora de tecnologia própria para concreto aparente também colaborou nesse *new look* paulistano, do concreto aparente. Há de se convir que o Estado Rio de Janeiro, a beira mar, o concreto aparente não é ali tão indicado.



Aeroporto Santos Dumont - Afílio Correia Lima, 1938/40

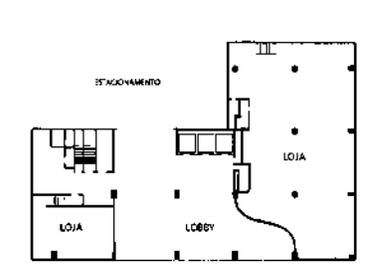
São Paulo se destaca

“*Em São Paulo a mão do arquiteto deverá substituir a mão de Deus.*” Que tarefa nos propõe Roger Bastide, 1958.

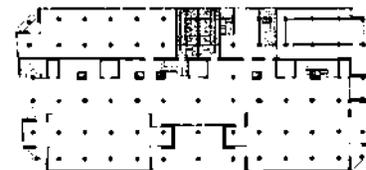
Lembremo-nos que o primeiro prédio moderno da cidade, o **edifício Esther**, na Praça da República, é projeto de dois cariocas: Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho. Trata-se de uma obra onde tudo o que se poderia esperar da arquitetura moderna da época (exceto, talvez a estrutura), está lá, muito bem-feito, ainda resistindo a passagem do tempo, embora as superfícies negras de suas fachadas, originalmente (1940) de *Vitrolit* belga, preto estejam hoje substituídas por uma infeliz massa raspada “quase preta”. Isso se deve a um acidente ocorrido em 1952 com a queda de uma das placas de *Vitrolit* que vitimou um transeunte.



Fachada do edifício Esther, São Paulo



Térreo do edifício ABI, Rio de Janeiro 1938 - 21 pilares



Térreo do edifício Esther, São Paulo 1938
72 pilares

Notar a profusão de pilares do edifício Esther com o intercolúnio de 3m, enquanto na planta superior do edifício da ABI, dos irmãos Roberto, sua contemporânea, os vãos são mais que o dobro. *Obs. escala idêntica.*

Exíguos terrenos paulistas

Como sabemos, os terrenos em São Paulo são exíguos e caros. Consequência de uma sistemática perversa, que é a **total falta de poder** da Prefeitura Municipal. Nossa prefeitura sofre historicamente dessa falta de autoridade. Diferentemente de outras cidades de grande porte, a autoridade municipal paulistana é desdenhada por quem constrói e também por quem nela vive. Por vezes, a relação frente-fundo dos terrenos é absurda. São terrenos de 12 ou 14 m de frente por 70 ou 80 m de profundidade, enquanto o direito de edificar incide só sobre a área: é de **tantas vezes** a área do terreno, sem cogitar da relação largura x profundidade.

Em nossa cidade, toda construída por especuladores, **economiza-se no terreno**, que é sempre caríssimo, porque os imóveis foram durante décadas o *asset* principal, quase único, das empresas e dos poupadores.

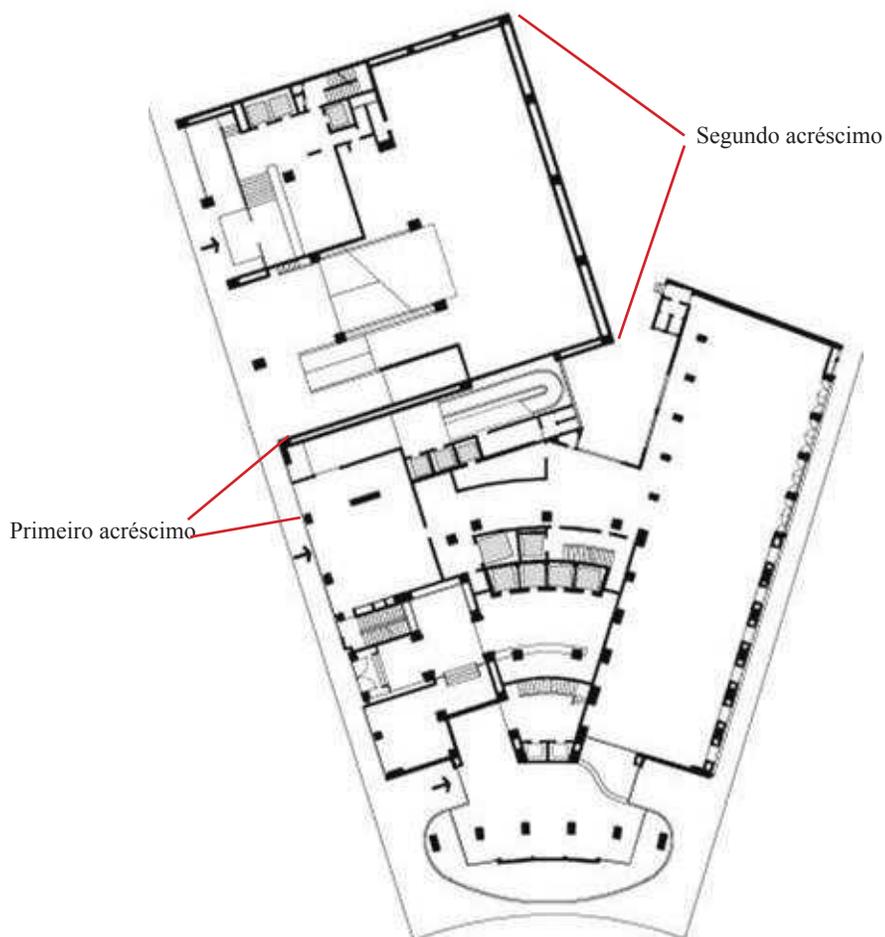
Não existia o mercado financeiro, não se sabia investir nas Bolsas, menos ainda no mercado de papéis daqui ou do exterior, restando às empresas, e mesmo às pessoas físicas, se defenderem da inflação (que sempre existiu) comprando imóveis.

E terreno é o imóvel básico. Se a cidade não tem parques, se as ruas são estreitas, as avenidas mesquinhas, as esquinas não têm visibilidade e as calçadas exíguas, é porque os terrenos são disputados e utilizados, até o limite, “até o osso”, como se diz.

Já em 1850 **Álvares de Azevedo** se refere a São Paulo como a “cidade

da maior insipidez possível”, lugar de: “Andar pelas ruas escuras dando topadas nas pedras” ...e que... “**as calçadas do inferno são mil vezes melhores**”. Como é atual este texto do grande escritor.

No caso específico do edifício **Hotel Jaraguá - Estado de São Paulo**, o terreno também exíguo, obrigou a compra posterior, já durante as obras, de uma faixa do lado da Rua Major Quedinho. Poucos anos após a ocupação do prédio, um outro terreno lindeiro a este foi adquirido e o edifício novamente cresceu, desta vez projetado por Rino Levi.



O custo das obras

Quando fizemos nosso primeiro projeto para o **Senac** (Centro de Formação Profissional 1972/73, em Ribeirão Preto), não existia a preocupação com custos, nem sequer se tocou neste assunto.

Anos após, em 1994, projetamos outro **edifício escolar** na mesma cidade, dessa vez para uma organização privada exemplar: o COC. Aí, sim, havia **pesadas restrições de custos** e, entre essas, a primeira foi sobre a estrutura. O construtor, nosso amigo, foi logo dizendo: “Não venha com aquelas suas histórias de vãos enormes, pés-direitos duplos, protensão, etc.”

Trabalhamos, então, contingenciados pelos custos e mesmo assim o resultado foi muito positivo com larga vantagem, na solução plástico-estrutural da primeira obra do Senac, toda em concreto aparente, mas a do COC é toda dotada de ar-condicionado central e todas as suas carteiras equipadas com computadores. Ao contrário do que nos agradaria ouvir, os proprietários acreditam que essas instalações, tão caras, só se tornaram viáveis graças às economias feitas na obra civil.



1972/73 • Senac - Ribeirão Preto - foto do pátio interno.



1998 • COC - Ribeirão Preto, SP. Todas as salas de aulas são dotadas de ar-condicionado central. Todas as carteiras equipadas com computador.



Festa de inauguração do COC 1998: da esquerda para a direita o arquiteto, um assessor do COC, o diretor da escola prof. Chain Zaher, o famigerado ex-prefeito Antônio Palocci e o ministro da Educação Paulo Renato de Souza.

Os arquitetos paulistas

Vamos arriscar dizer que até o final dos anos 40 havia entre os arquitetos de São Paulo dois grupos de profissionais muito atuantes, num deles podemos listar: Eduardo Kneese de Mello, Abelardo de Souza, Eduardo Corona, Oswaldo Bratke (pai de Carlos) e os europeus quase todos, Gregori Warchavchik, Lucjan Korngold, Francisco Beck, Jacques Pilon e muito no princípio o próprio Rino Levi, além dos mais jovens Plínio Croce, Salvador Candia e outros, para os quais a estrutura parecia não ter tanta importância, para alguns deles quase nenhuma. Faziam seus projetos, enviavam a um calculista e diziam: “para lançar a estrutura,” estes enfiavam pilares e vigas a seu critério devolvendo aos arquitetos para que reorganizassem internamente os andares eivados de pilares,



O então presidente Jan Harpad do Instituto de Engenharia com Villanova Artigas, Sueli Suchodolki e ao fundo Luigi Villavecchia em 1973

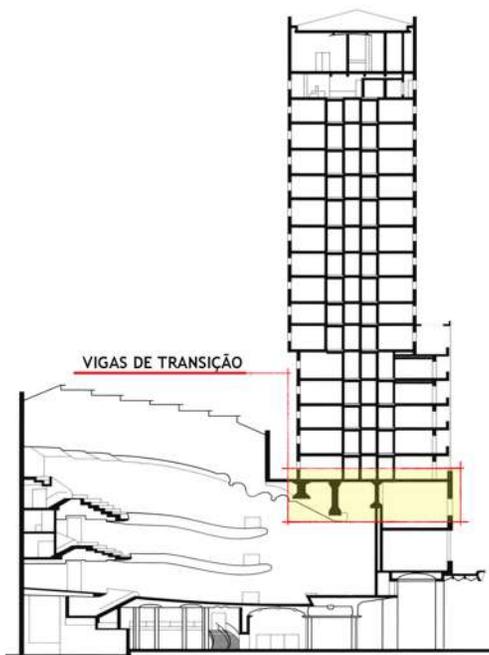
quase sempre mal alinhados. Rino Levi saiu cedo desse grupo, passando a mostrar grande preocupação e carinho com a estrutura de suas obras, a partir do edifício do Cine Ipiranga-Hotel Excelsior de 1942/45. Isso não quer dizer que um arquiteto como Osvaldo Bratke, um pioneiro destacado de nossa arquitetura tenha uma obra sem importância, da qual somos admiradores ou, que a Biblioteca Mário de Andrade de Jaques Pilon não seja um soberbo edifício, muito bem implantado, marcante até hoje, apesar dos maus tratos que vem recebendo ultimamente.



Jantar em La Boca - Bs Aires, 1959. Foto tirada por Eduardo Corona.
Da esquerda para direita: Luiz Saia, Abram Elman, Miguel Juliano, Jorge Wilhelm. Roberto P. Richter, Rino Levi e Ivan Mineiro



Cine Ipiranga - Rino Levi, 1942/45



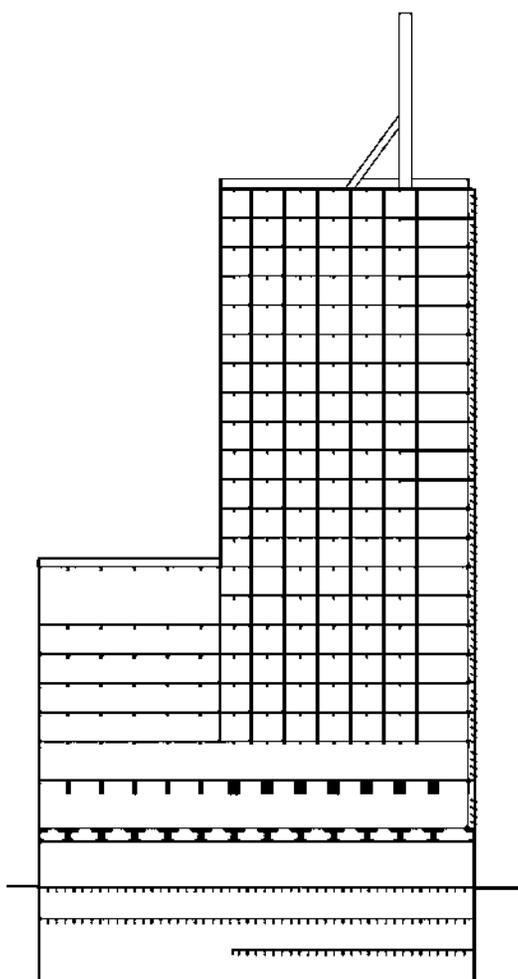
As grandes vigas de transição do Cine Ipiranga

O outro grupo, ao qual pertencemos, deriva muito da obra e do convívio com Villanova Artigas. Inclue quase toda minha geração: Carlos Milán, Telésforo Cristofani, Abraão Sanovicz, P.M. da Rocha, P.P. Saraiva, Marc Rubin, Ubyrajara Giliolli, João Toscano, Paulo Zimbres e outros não menos atuantes.

Todos tivemos um envolvimento total com a estrutura dos projetos, já que éramos catequisados pelo slogan corbusiano: **arquitetura é espaço mais estrutura**, ou seja, um binômio. Em nossa cabeças (pelo menos na do signitário), fazer boa arquitetura era encontrar um partido original, e esse devia vir “vestindo” a estrutura única que lhe cabia. Vários vetores dessa nova linha, que alguns chamam de “arquitetura paulista”, vieram de mudanças urbanísticas, ou por transformações sociais, pela industrialização crescente, pelo maior aporte de tecnologia, enfim por fatores todos conhecidos, dos quais nem é necessário se falar. Mas na verdade, é que para os arquitetos dessa linha, **a estrutura tornou-se um desafio**, ou se passava por pouco competente, alguém sem *métier*.

As transições estruturais

Em nosso projeto para o SESC Pinheiros, conseguimos nos livrar de algo que nos incomodava há anos, que são as **vigas de transição**, exorcizando uma *mea culpa*. O projeto do Hotel Excelsior-Cine Ipiranga comporta um **cinema de 2 mil lugares** sob um **hotel de 17 andares** e trouxe uma solução ousada para a época: quatro enormes vigas de transição acolhem os pilares superiores, transferindo a carga total para as duas paredes laterais do edifício. Não se pode criticar nada, a arquitetura do Cine Ipiranga marcou seu tempo. Quando vimos o projeto do Cine Ipiranga da primeira vez não estranhamos nada da sua estrutura atrevida. Só 50 anos depois, após alguns dias de estudo sobre o anteprojeto do Sesc Pinheiros, é que nos veio a vontade de **não repetir as vigas de transição** presentes naquele cinema, muito bem resolvido por Rino Levi.



Corte - Hotel Jaraguá

Referimo-nos a este assunto porque ele está presente duas vezes no projeto do edifício do Hotel Jaraguá:

a **primeira vez** quando de sua construção, houve necessidade de enormes **vigas de transição** - ver corte pg. 19, para livrar a famosa sala de impressão de pilares que inviabilizariam a colocação linear e obrigatória das grandes máquinas de impressão.

A **segunda vez** foi durante a sua reforma, quando para abrir a **rua interna**, tivemos que eliminar cerca de 10 grandes pilares **transicionando** suas cargas a outros já existentes. Este procedimento, corte e eliminação de tantos pilares, alguns com mais de 1000 toneladas, é uma ação construtiva **sem precedentes** conhecidos, já que sobre os mesmos se apoiavam os 24 andares superiores, todos eles, carregados de de tijolos comuns.

Já havíamos usado em 1969 no projeto do Hotel Anhembi, grandes vigas de transição, com intercolúnio de 14,40 e 2,20m de altura estrutural.



Hotel ParqueAnhembi - Foto Newton Franco, 1972.

Viga de transição com vãos de 14,40m. Sobre a estrutura, à esquerda, Mário Franco, à direita Miguel Juliano



2 · Centro da cidade · 1950

2. Final dos anos 40 e o centro da cidade.

Se procurarmos compreender os motivos do nosso centro histórico ter sido abandonado à quase total deterioração, voltaremos a falar do crescimento estonteante, que quadruplicou a população da cidade em duas décadas, na precariedade de sua malha urbana e do transporte coletivo, sem esquecer da busca permanente de terrenos mais amplos e mais baratos para construir e, da fraqueza atávica do poder municipal.



Av. São João em 1954 vista da esquina do Largo do Paissandú. No fundo Edifício Martinelli.

Devemos também estar alertas para o desejo de isolamento dos seguimentos mais influentes de nossa sociedade, desorientados pela enorme diferença de renda da população, que procura afastar-se da multidão mais pobre e marginal que perambula pelas áreas centrais

e das zonas mais prósperas . Esses fatores, dentre outros, fizeram a cidade desdenhar seu centro, que havia sido totalmente recomposto nos anos 30 e 40 por Prestes Maia.

- Francisco Prestes Maia 1896-1951, natural de Amparo, engenheiro civil e arquiteto pela Escola Politécnica da USP. Nomeado prefeito durante o Estado Novo, permaneceu de 1938 a 1945. Realizou várias obras importantes como a retificação do Tietê. Renovou todo o centro através de projeto batizado por ele de **Avenida Irradiação**. Trecho desta avenida é a própria São Luis, sobre a qual está implantado o Hotel Jaraguá. Eleito prefeito em 1961-1965, saneou as finanças do município.

Quem presenciou a expansão do “Triângulo” e sua vizinhança, antes limitada a oeste pelo Vale do Anhangabaú, para outra margem do Viaduto do Chá, onde já se achavam o Colégio Caetano de Campos, o Teatro Municipal, a Biblioteca Mario de Andrade, a sede da *Light*, o Hotel Esplanada, e uma bem sucedida operação imobiliária – A Rua Marconi, sabe-se que esta ampliação urbana foi acelerada pela transferência do **Mappin** da Praça do Patriarca para a Praça Ramos de Azevedo, trazendo em sua esteira restaurantes, confeitarias, galerias de arte, a moda, cinemas e o *footing* das meninas.

O fim da Segunda Guerra encontraria, pela primeira vez, o país com saldos comerciais positivos, as indústrias operando a pleno vapor, a crise de 29 enterrada e esquecida. Era São Paulo do pós-guerra das “cinco casas por hora”. A rápida substituição do casario baixo por edifícios altos e uma consequente onda de valorização imobiliária, saturou rapidamente os espaços livres e disponíveis no centro e no seu redor.

Foi neste momento, neste clima de *boom* que os dois maiores grupos editoriais, os “Diários Associados” de Assis Chateaubriand e o “Estado de São Paulo” da família Mesquita construíram suas novas sedes. Seus castelos verticais. Os “Diários” na Rua Sete de Abril e o Estadão na esquina da Major Quedinho com Martins Fontes, a pouco mais de duzentos metros um do outro, projetados e construídos ambos por Jacques Pilon.



3 · Europeus em S.Paulo

ARCHITECTURE CONTEMPORAINE DANS LE MONDE



UN JARDIN PUBLIC A SAO-PAULO; AU FOND UN IMMEUBLE COMMERCIAL, LUCIAN KORNGOLD, ARCHITECTE

3. Europeus em São Paulo

No início do século XX vieram do Canadá e da Inglaterra a *Light* e seus bondes. Da Inglaterra a *S.P.R.*, a *Cia City* e a Companhia de Gás, até que pelos meados dos anos trinta, São Paulo passou a ser “a cidade que mais cresce no mundo” e foi se tornando cada vez mais atraente.

Temos que computar também os eventos que auxiliaram a melhora da imagem brasileira pelo mundo como: a vinda de Le Corbusier, o Ministério da Educação e o Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de *New York*.

Os anos imediatamente anteriores à Segunda Grande Guerra, que provocaram grande êxodo na Europa, a maior parte em direção aos Estados Unidos, premiou também o México, a Argentina, o Brasil e, em escala menor, o Chile e o Uruguai.

A maioria destas pessoas o fizeram por motivo de perseguição política na Alemanha hitlerista pelo anti-semitismo nazista e um pouco mais tarde na Itália, após o pacto Hitler-Mussolini pelas discriminatórias leis fascistas, ditas *Legi Razziali*, também elas anti-semitas. Outros simplesmente para fugir do fantasma da guerra que, sabiam todos, era iminente.

O Brasil, mais particularmente São Paulo, mercê de sua crescente punção econômica e do já acelerado crescimento populacional, e também por possuir grandes colônias europeias, atraiu entre aquelas pessoas vários arquitetos de origem judaica, todos muito bem preparados.

É bom notar-se ainda que ao contrário da migração interna, a migração européia, principalmente aquela de origem italiana e da Europa Central, não trazia somente fugitivos destituídos. Colabora neste argumento o fato de que o Francisco Matarazzo, quando aqui chegou, trouxe da Itália suas economias, com as quais iniciou suas atividades industriais, instalando uma fábrica de banha em Sorocaba. E não foi o Conde Matarazzo o único, deve ter sido também o caso de Daniele Calabi, Lucjan Korngold e Francisco Beck pelo menos, e que chegaram cinquenta anos após.

*“il Brasile appare come il paese dell’utopia realizzabile, ove l’**espirit** della nuova architettura sembra entrare in perfetta **símbiosi** con l’ambiente e la luce .”* G. Zucconi. Costruttore e Architetti italiani a San Paolo. 1939

Precursores em S. Paulo - Rino Levi e Gregori Warchavchik

Ao falarmos de arquitetos italianos em São Paulo, seria quase necessário incluir Rino Levi, não fora o fato de Rino, além de ser paulistano, sua obra transcende de longe a dos arquitetos ativos na Itália da época. Aqui nascido em 1901, filho de pais italianos, voltou à Itália para estudar, lá se graduou arquiteto na Faculdade de Arquitetura de Roma em 1926, retorna imediatamente a São Paulo, onde produziu toda sua vasta obra. É daqui a origem de sua fama. Portanto, Rino é só nosso.

Também é o caso particular de Gregori Warchavchik, natural de Odesa que antecedeu esse fluxo, tendo chegado antes dos outros, ainda nos anos 20, encontrando a arquitetura brasileira ainda nas mãos de uns poucos acadêmicos.

Dos arquitetos europeus que aportaram em São Paulo, ele é sem dúvida o mais interessante, tendo desempenhado importantíssimo papel na modernização da arquitetura brasileira, como todos sabemos não sendo necessário estendermo-nos sobre ele que é, com toda justiça, muito conhecido e sobejamente publicado.



À direita Gregori Warchavchik, à esquerda Lúcio Costa, e no centro Frank Lloyd Wright em visita ao Rio de Janeiro na década de 30. Lúcio, na época diretor da Faculdade de Arquitetura da Escola de Belas Artes do Rio, convidou o pioneiro Warchavchik para lecionar a Cadeira de Projeto.

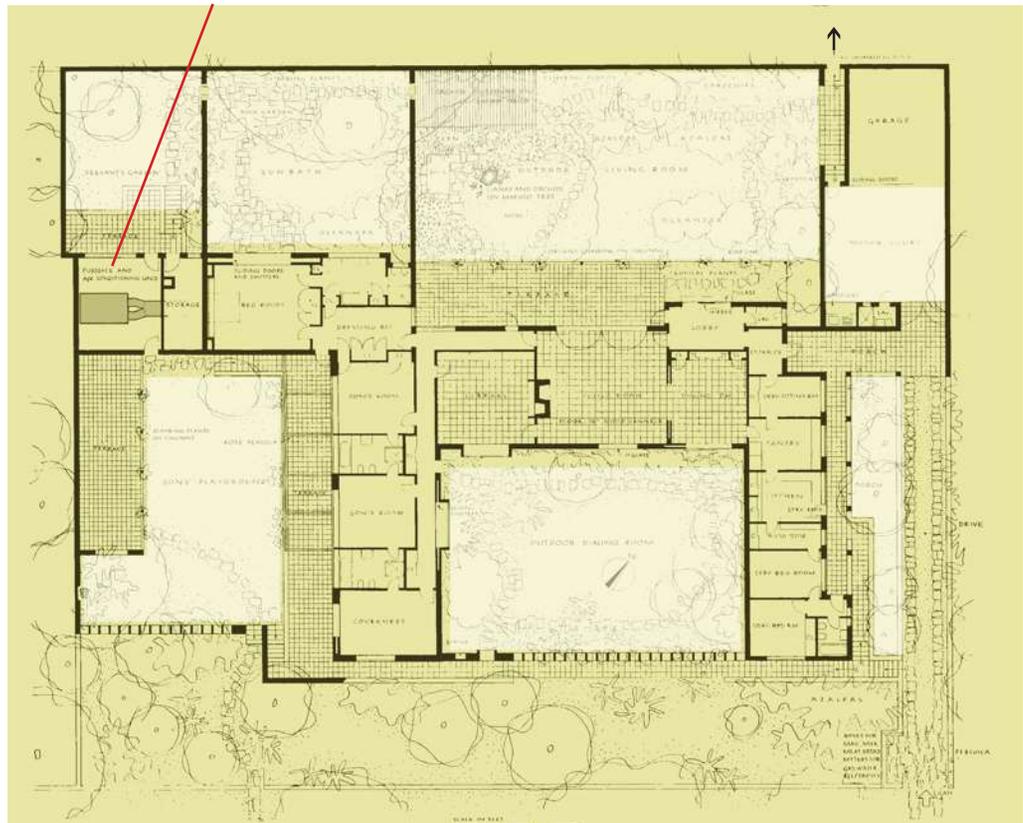
Bernard Rudofsky



Também israelita, o vienense Bernard Rudofsky, nasceu em 1905 e faleceu em Nova York em 1988. Entre os anos 30 a 40 viveu em São Paulo, tendo aqui deixado duas casas exemplares: as residências Frontini na Rua Monte Alegre, em Perdizes, e a de João Arnstein na Rua Canadá, ao lado do Clube Harmonia, no Jardim Europa, abaixo reproduzida.

Notar de que apesar dos vários pátios descobertos, a casa conta com instalação de ar condicionado central.

Ligação direta com o Clube Harmonia.





Daniele Calabi

Daniele Calabi, nasceu em Verona em 1906, formou-se engenheiro em 1928. Em Paris obteve seu título de arquiteto em 1932.

De volta a Itália, produz vários projetos, entre eles uma obra importante (1936) o *Osservatorio Astrofisico dell Università di Padova*.

Forçado a sair da Itália pelas *Legi Razziali*, mudou-se para São Paulo em 1939.

Aqui chegando, fica um período com Rino Levi até obter seu registro no CREA. Em seguida funda com o primo Silvio Segre a Construtora Moderna. Casa-se com Ornella Foá, sua conhecida desde a Itália, o que nos faz pensar num *Shida*.

Executa vários projetos, dos quais se destacam várias casas no bairro de Perdizes, nas Ruas Turiassú e Manoel Maria Tourinho.

Uma delas para seu irmão Fabio, pai de Andrea Calabi. Outra para si próprio onde, após sua volta para a Itália morou Sérgio Teperman com os pais. Conta Sérgio que, após sua família ter se mudado, Maisa Matarazzo passou a morar lá, tendo ao sair deixado a famosa casa semi-destruída.

Acima, foto de Calabi já definitivamente de volta à Itália ao lado de Carlo Scarpa. a foto central, placa de obra de Rino Levi, construção da Construtora Moderna e por último o pátio interno da casa da rua Turiassú, onde ele próprio morou.



As perseguições nazi-fascistas

Dois outros ativos arquitetos israelitas, um húngaro e outro polonês, deram sua contribuição à Paulicéia: Francisco Beck e Lucjan Korngold.

Francisco Beck

Húngaro, nascido em 1901 em Budapeste, ali se formou em 1928 na Faculdade de Arquitetura da Real Politécnica. Beck chegou a São Paulo antes da Segunda Guerra e se estabeleceu imediatamente, tendo sido aqui muito bem sucedido.



Acima Francisco Beck, primeiro a esquerda presidindo o júri da premiação de arquitetura da primeira Bienal realizada no Trianon em 1971. Pela ordem: Marcel Breuer, Kenzo Tange, Philip Johnson e Jacob Rutchi.

A direita, seu projeto, o edifício Longchamps na Rua Jerônimo da Veiga nos Jardins.



Lucjan Korngold

Polonês de Varsóvia nascido em 1897 lá se diplomou arquiteto em 1928. Chegou a São Paulo em 1940 indo trabalhar com Francisco Beck, com quem imediatamente associou-se. Com sede na rua Barão de Itapetininga, a sociedade de Beck/Korngold durou até meados dos anos 50 quando, separados, cada um passou a atuar em escritório próprio, indo Korngold para a Rua Quirino de Andrade, permanecendo Beck na Barão. Da antiga sociedade um dos prédios mais importantes é o edifício CBI-

Esplanada no Vale do Anhangabaú, reproduzido na pg. 30. É sempre publicado como sendo só de Korngold, o que nos leva a crer que era Korngold quem cuidava dos projetos. A inovação deste prédio é o fato de ser o primeiro edifício de escritórios de grande porte com andares totalmente abertos, sem subdivisões. Sua incorporação foi feita pelo então famoso empresário Wilson Mendes Caldeira.

Korngold é também autor do primeiro edifício paulista totalmente construído em estrutura metálica, na esquina da Rua 24 de Maio com a Rua Conselheiro Crispiniano, onde funcionou por vários anos a sede da Drogadada.

Ambos moravam em apartamentos de prédios projetados por cada um deles, Korngold em Higienópolis e Beck nos Jardins. O primeiro na esquina da Av. Higienópolis com a Rua Sabará e Beck no edifício Longchamps na Rua Jerônimo da Veiga.



Duas obras de Korngold:
1- Edifício Thomas Edison na Praça Dom José Gaspar.
2- Edifício CBI-Esplanada no Anhangabaú

Lucjan Korngold



Acima edifício **Thomas Edison**, na Praça Dom José Gaspar a direita edifício **CBI-Esplanada** no Vale do Anhangabaú.





4 · J. Pilon · F. Heep

Jacques Pilon

Pilon nasceu na cidade portuária francesa de *Le Havre* em 1905. Veio para o Brasil aos cinco anos de idade com a família, pois seu pai fora encarregado de reorganizar e dirigir o porto do Rio de Janeiro, onde Pilon morou até voltar a Paris para terminar seus estudos na capital francesa.

Lá, concluiu curso superior em letras e direito e logo após (1932) diplomou-se também arquiteto

pela *École Nationale de Beaux Arts*, aquela do *Quai des Beaux Arts no sixième*. Retornando ao Rio em 1933, iniciou sua carreira de arquiteto no escritório do arquiteto Robert Prentice. Em 1934 vem a São Paulo fiscalizar para Prentice as obras do edifício **Sulacap** na Rua XV de Novembro, quando conhece o engenheiro Francisco Matarazzo Netto. Nesse mesmo ano os dois se associam constituindo a firma **Pilmat Pilon-Matarazzo Ltda**, sociedade esta que durou até 1939. Com a saída de Francisco Matarazzo, passou a chamar-se simplesmente Construtora Jacques Pilon Ltda.

Educado, *charmant et charmeur*, competente e trabalhador, Pilon se revelaria também hábil empresário, penetrando fundo na alta sociedade francófila da época, onde um europeu como ele, era sempre bem acolhido.

Aliando os projetos às construções, Pilon passou a dominar o próspero mercado da construção civil da época tendo construído, só na área central paulistana, de 1934 a 1962, cerca de 60 edifícios entre escritórios

e apartamentos. É bom saber que Pilon fazia não só projetos que sua empresa construía, fazia-os ainda para outras construtoras.

Eclético, navegando na zona ecótona entre o neo-clássico francês e a arquitetura moderna, dentre os vários edifícios que ele deixou, a capital lhe deve um crédito pela **Biblioteca Mário de Andrade**, obra limpa, de proporções delicadas, funcional e bem implantada na Praça Dom José Gaspar. Totalmente elaborado pelo próprio Pilon, até mesmo os móveis foram desenhados por ele, que contou entre seus consultores, com o próprio Mario de Andrade, fundador e diretor da primeira Biblioteca Municipal que ficava no subsolo do Viaduto do Chá.

Ainda de Pilon, há a famosa casa de Horácio Laffer que ocupa todo um quarteirão na esquina da Avenida Europa com a Groenlândia, por longo período conhecida como “a Casa da Manchete”. Atualmente é propriedade do editor Jorge Yunes que acaba de enfiá-la com altos muros que ele alega ser necessário pela crescente falta de segurança.

Os edifícios sedes dos dois grandes grupos editoriais, “O Estado de São Paulo” e “Diários Associados”, são ambos projetos e construção da Construtora Jacques Pilon, edificadas na mesma época. Vale notar que o edifício do “Estadão”, sobre todos aspectos, sobrepuja o dos “Diários”, desde a localização destacada mas, acima de tudo, pela sua arquitetura muito superior. Fora, originalmente projetado em 1946, pelo próprio Pilon em estilo *art deco*, sendo totalmente refeito por Franz Heep, a partir de 1947.

É relevante lembrar que toda atividade comercial de serviços, incluindo a administração municipal, os bancos, hotéis, teatros, cinemas lançadores, concentravam-se dentro do perímetro conhecido como **zona central**, circundada pela “Avenida Irradiação”, como assim batizara Prestes Maia, seu criador.

Para se garantirem dos custos de manutenção do seu edifício, os Diários Associados construíram nos pavimentos superiores de sua sede, 12 andares de salas comerciais para renda, já o “Estadão” optou por

hotelaria, setor que nossa capital era então totalmente carente. A proporção que foi se envolvendo mais com os negócios, Pilon contratou sucessivamente outros arquitetos que foram assumindo os projetos: o primeiro foi Herbert Duschênes, depois **Franz Heep**, em seguida Giancarlo Gasperini, para terminar com Jerônimo Bonilha. Seu falecimento se deu em 1962, por enfarte fulminante associado a um câncer, aos 57 anos de idade. Enterrado no Cemitério São Paulo, seu túmulo foi desenhado por Bonilha.

Quatro obras importantes de Jacques Pilon no Centro de São Paulo, que aliás são cinco porque há a Rua Marconi.



- 1- Edifício de apartamentos, esquina da avenida Ipiranga com São Luis, onde Pilon morou.
- 2- Biblioteca Mario de Andrade
- 3- Antiga sede dos Diários Associados
- 4- Hotel Jaraguá
- 5- Rua Marconi



A primeira: Edifício neo-classico francês, projetado e construído pelo próprio Pilon que lá morou no segundo andar, até seu falecimento. Situa-se na esquina da Av. Ipiranga com a Av. São Luiz, foto superior ao lado.

A segunda: Biblioteca Mário de Andrade na Praça Dom José Gaspar, foto inferior ao lado.

A terceira: Edifício Assis Chateaubriand, antiga sede dos Diários Associados na Rua Sete de Abril cuja construção é contemporânea a o do Hotel Jaraguá.



A quarta: Sede do “O Estado de São Paulo–Hotel Jaraguá”, nosso objeto de trabalho, construído na confluência das Ruas Martins Fontes e Major Queidinho.

A quinta: A própria Rua Marconi aberta em 1938, no terreno que ia desde a Rua Barão de Itapetininga até a Rua Sete de Abril, com edifícios comerciais construídos em ambos os lados. Todos, ou quase todos foram projetados e construídos pela Construtora Jacques Pilon, cujo escritório ficava no número 134.



4 · J. Pilon · F. Heep



O Edifício no ano de sua inauguração em 1954



Franz Heep, homenageado pelo IAB em 1977, é abraçado por Villanova Artigas.

Aldolf Franz Heep

Aldolf Franz Heep, nasceu em 1902 em Fachbach, Alemanha, formando-se tecnólogo em 1926 pela Escola de Artes e Ofícios de Frankfurt, onde foi aluno de Adolph Meyer. Trabalhou de 1926 a 1928 com o próprio Meyer, transferindo-se logo após para Paris onde se formou arquiteto na *École Supérieure d'Architecture*.

Trabalhou curtos períodos com André Lurçat e Auguste Perret até conhecer **Le Corbusier** com quem permaneceu de 1928 a 1932. Associado em seguida a Jean Ginsberg, chegaram a ter obras construídas em Paris, até mesmo um prédio no *seizième arrondissement*.

Heep chega a São Paulo em 1947, para imediatamente juntar-se à Construtora Jacques Pilon onde estreou no prédio “Estadão-Jaraguá”, com obras já iniciadas e que foi todo remanejado por ele.

Embora houvesse ótimos calculistas na época, este prédio não teve sorte,

neste aspecto. Sua estrutura é confusa, atabalhoada, com uma profusão de pilares e várias vigas de transição pesadíssimas e mal resolvidas, um pouco, talvez em razão das sucessivas modificações exigidas pela renovação do próprio jornal, também em consequência das revoluções que passavam os processos de impressão que iam acontecendo paralelamente ao andar da obra.

Heep fez o que pode. Sua intervenção foi cabal. Reorganizou tudo e deixou o prédio como hoje conhecemos. Algumas de suas soluções são brilhantes, como o caso dos brises horizontais orientáveis, que eram cor de areia na face interna e azul-acinzentado na externa, deixando o edifício policromático pela posição variada que cada hóspede dava aos brises de seu quarto.

Em 1950 Heep deixa Pilon. Após um período com Henrique Mindlin, abre seu escritório próprio em 1952. A partir daí, sua obra mais conhecida passou a ser o **Edifício Itália**. São seus também o **Convento** e a **Igreja dos Dominicanos** em Perdizes e cerca de vinte prédios em São Paulo, alguns no Rio, um no Guarujá, além de três ou quatro residências, entre essas a enorme casa térrea do empresário Abram Kazinski na Rua Polônia, hoje completamente alterada, irreconhecível.

Após enfarte em 1972, Heep mudou-se para o Guarujá. Já doente não pode mais trabalhar. Levado pela esposa de volta à Paris, acaba falecendo pouco dias após sua chegada em março de 1978.

O rigor de Franz Heep – uma anedota verdadeira

Heep era um exigentíssimo profissional, característica esta comum a todos grandes arquitetos.

Além dele, temos duas outras lembranças pessoais sobre o tema.

A primeira foi em 1950, em reunião numa famosa construtora, surgiu o nome de Rino Levi. Imediatamente ouvimos acusações e reclamações dos engenheiros presentes: *“este arquiteto é um maluco, que faz ques-*

tão que a obra seja executada igualzinha ao projeto, nos manda uma profusão de detalhes e vai sempre verificar pessoalmente se estão sendo feitos exatamente como os desenhos, senão manda quebrar”.

Outro, em 1991 em visita a *Taliesin West*, tivemos a oportunidade de ter como guia uma velha senhora, contemporânea de Frank Lloyd Wright, que a certo momento nos contou: “ *Mister Wright is often accused of being a very demanding man. Actually, he was extremely demanding with his designs. He would break a contract for any slight alteration or mistake during the works*”.

A história verdadeira contada sobre Heep é que, em visita à obra do Jaraguá, os engenheiros da construtora, exautos com a insistência de Heep em manter as fachadas posteriores executadas com o mesmo desenho das frontais; os mesmos caixilhos, o mesmo revestimento, que eles queriam de todo modo simplificar, insistiram com ele: “*Dr. Heep ninguém vê as fachadas posteriores*” ao que Heep constesta: - *Como não? Deus vê!*





Giancarlo Palanti
Edifício Conde Prates, esquina do Viaduto do Chá com a Rua Líbero Badaró fazendo *pendent* com o CBI Esplanada do outro lado do Vale do Anhangabaú.

Foto MJ

Outros europeus

Para não omitir ninguém, há o alemão Maximilian Hehl, autor do projeto da Catedral Metropolitana e da Caixa Econômica Federal, ambos na Praça da Sé, um profissional acomodado à arquitetura convencional, nada sobrando de sua atuação, que contribua a maneira hoje dita “paulista” de projetar.

Queremos mencionar a chegada de europeus mais jovens como, Jorge Zalzuspin, Lina Bo Bardi e Giancarlo Palanti, que deram boa contribuição a nossa cidade mas, aprenderam mais que ensinaram com as oportunidades tidas aqui. Palanti, por um período associado à Lina Bardi e a Carlo Fongaro na firma de design **Estúdio de Arte Palma**. Posteriormente associou-se a Daniele Calabi permanecendo ativo após a partida deste. Exceto Calabi, todos eles encontraram nossa arquitetura já com foros de liderança mundial.



5 · A violência do sec XX

5. A violenta segunda metade do século XX

Do século XX já foi dito que “começou bem e terminou mal”. Existem duas metades claras: o período que acaba no final da Segunda Guerra e o seguinte que ali se inicia. Na primeira houve duas guerras mundiais, ambas porém, vencidas pelos aliados, que representavam a esperança de progresso social e liberdade crescente. Houve grandes descobertas científicas na primeira metade, começando por mme. Curie, depois, Einstein, Freud, Jung, Fermi, Fleming, e tantos outros. Várias conquistas sociais: a revolução russa, a revolução chinesa, e a revolução de 30 no Brasil. Uma longa série de acontecimentos decisivos, como o Congresso de Atenas que foi muito importante para a arquitetura brasileira. Nos primeiros cinquenta anos, a criação do Estado de Israel em 1948, a vitória de *Mao Tse-tung* em 1949. Em 1950, *Chiang Kai-sheck* foge para Formosa, hoje Taiwan e os americanos invadem a Coréia.

01 · 1951 Primeira Bienal de S. Paulo no P. Trianon na Av. Paulista.

02 · 1952 Eva Peron. Seu túmulo é violado, o cadáver roubado.

03 · 1953 Os Estados Unidos são derrotados na Coreia.

04 · 1954 Getúlio Vargas suicida-se em 24 de agosto.

05 · 1954 *Dien Bien Phu*. Giapp expulsa os Franceses da Indochina.

06 · 1954 É comemorado o IV Centenário da Cidade de São Paulo.

07 · 1954 Primeiro Festival de Cinema de São Paulo.

08 · 1955 Juscelino Kubitschek é eleito presidente, o vice é Jango.

09 · 1956 XX Congresso do P. C. Soviético. Fim da era Stalinista.

10 · 1956 É publicado “Grandes Sertões Veredas”.

11 · 1957 Concurso Internacional para o projeto de Brasília.

12 · 1958 É fundada a Rádio Eldorado em 4 de Janeiro.

13 · 1958 Pelé faz 58 gols no campeonato paulista superando Leonidas (33) e Friendreich (30). ver foto pg. 46.

14 · 1958 João Gilberto, grava “Chega de Saudades” de Tom e Vinicius, dando início à Bossa Nova.

15 · 1958 São Paulo atinge três milhões e setecentos mil habitantes.

16 · 1958 Primeira Fenit no Ibirapuera.

17 · 1958 O Brasil ganha sua primeira Copa do Mundo na Suécia.

18 · 1959 Fidel Castro chega ao poder em Cuba.

19 · 1960 Inauguração de Brasília em 21 de Abril.

20 · 1961 Yuri Gagarin no Sputnik II, faz o 1° vôo espacial tripulado.

21 · 1961 Ernest Hemingway suicida-se em Idaho.

22 · 1962 Anselmo Duarte ganha a Palma de Ouro em Cannes com “o Pagador de Promessas” de Dias Gomes.

- 23 · 1962 Jânio Quadros renuncia a Presidência da República.
- 24 · 1962 Enrico Mattei, pai da ENI, é morto na Itália.
- 25 · 1962 Marilyn Monroe suicida-se. Há suspeitas de assassinato.
- 26 · 1963 John F. Kennedy é assassinado em Dallas.
- 27 · 1964 A direita depõe João Goulart instalando a ditadura no país.
- 28 · 1964 Vilanova Artigas é preso. Logo após refugia-se no Uruguai.

29 · 1964 Glauber Rocha brilha com “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. O *Cahiers du Cinéma*, o classifica de neo-realista barroco. Glauber influencia vários cineastas entre eles: Sergio Leone, Martin Scorsese e Clint Eastwood.



- 30 · 1965 Malcolm X é morto pela *Ku Klux Klan* no Harlem, NY.
- 31 · 1965 Rino Levi morre na Bahia em viagem de pesquisas acompanhando um grupo liderado por Burle Marx.
- 32 · 1967 Che Guevara é morto pelos Boinas Verdes em Higuera no deserto de Atacama, no Chile.
- 32 · 1967 Mossadegh morre numa masmorra aos 85 anos condenado por complô montado pela CIA e pelos ingleses.
- 34 · 1967 Guerra dos Seis Dias entre Israel e o Egito.
- 35 · 1967 Cristhian Barnard realiza o primeiro transplante cardíaco em 3 de dezembro na cidade do Cabo, África do Sul.

- 36 · 1968 Professor Zerbini realiza o primeiro transplante de coração no Brasil, no Incor, 6 meses após Barnard.
- 37 · 1968 Bob Kennedy é assassinado em Los Angeles.
- 38 · 1968 Martin Luther King é morto em Memphis, Tennessee.
- 39 · 1968 Revolta estudantil na França. De Gaulle escapa de atentado.
- 40 · 1968 O AI 5 endurece a ditadura no Brasil. Pesadas cassações e aposentadorias na USP levam vários professores ao exílio.
- 41 · 1968 Benê Tazi, estudante da FAU, é morto em São Paulo.
- 42 · 1969 Carlos Marighella é assassinado em 4 de novembro.
- 43 · 1971 Inauguração dos estúdios de gravação da Rádio Eldorado.
- 44 · 1971 Rubens Paiva, é preso por oficiais da Aeronáutica, executado as escondidas durante sessões de tortura. Seu corpo desaparece, ao que tudo indica, jogado de um avião em alto mar.
- 45 · 1971 O Capitão Carlos Lamarca é morto no sertão da Bahia, dias após o assassinato brutal de sua esposa Yara.
- 46 · 1972 Terroristas de direita das Brigadas Vermelhas, chacinam parte da delegação de Israel nas Olimpíadas de Munique.
- 47 · 1973 O presidente Salvador Allende é morto no Chile.
- 48 · 1975 Pier Paolo Pasolini é assassinado em Ostia.

- 49 · 1975 Vladimir Herzog é assassinado pelo DOI-CODI em S. Paulo.
- 50 · 1975 Os Estados Unidos são derrotados no Vietnam.
- 51 · 1976 Juscelino Kubitscheck morre na Via Dutra. Perduram fortes suspeitas de assassinato.
- 52 · 1978 As Brigadas Vermelhas assassinam Aldo Moro em Roma.
- 53 · 1980 Morre Jean-Paul Sartre.
- 54 · 1980 Morre Vinícius de Moraes.
- 55 · 1980 John Lennon é assassinado no Central Park, N.Y.
- 56 · 1981 Anwar al-Sadat é assassinado no Cairo.
- 57 · 1981 Atentado do Rio Centro. Inicia-se a debacle da ditadura.
- 58 · 1983 Inicia-se o movimento “Diretas Já” em 31 de março.
- 59 · 1984 Indira Gandhi é morta por *Sikhs* de sua guarda pessoal.
- 60 · 1985 Morre de câncer Villanova Artigas em 14 de janeiro, com setenta anos incompletos.

Três suicídios e dezessete assassinatos, sem contar os atentados contra Ronald Reagan e o papa João Paulo II, ambos escapam milagrosamente. Foi justamente neste tumultuado período que o Hotel Jaraguá teve seus dias de liderança na hotelaria paulistana.

Resumo de alguns acontecimentos 1950/80

- 01 · Lembramos que o autor do projeto desta Primeira Bienal, ainda no Parque Trianon na Avenida Paulista, foi Luíz Saia.

- 06 · Construídas para abrigar os festejos do IV Centenário, as obras do Parque Ibirapuera, com sua grande marquize, são baseadas em projeto de Oscar Niemeyer, e desenvolvidas por uma comissão de arquitetos nomeada pelo então prefeito Armando de Arruda Pereira e da qual faziam parte: Eduardo Kneese de Mello, Hélio Uchoa, Gauss Estelita, Francisco Beck e outros.

- 13 · Ver foto na pg. 46 três azes do nosso futebol, todos afro-brasileiros, homenageados no Hotel Jaraguá, por ocasião dos 58 gols de Pelé.

- 16 · Caio Alcantara Machado, criador do Parque Anhembi, iniciou e desenvolveu no Brasil as atividades de *Trade Fair* e de Convenções, a partir desta primeira Fenit, inicialmente ocupando um galpão remanescente das obras do Quarto Centenário no Ibirapuera.

- 19 · Transcrevemos na página 47, trecho do editorial do Estado de São Paulo do dia 02/04/1960, de autoria provável do próprio Dr. Julinho Mesquita, que durante todo o período de construção da nova capital foi seu maior opositor.

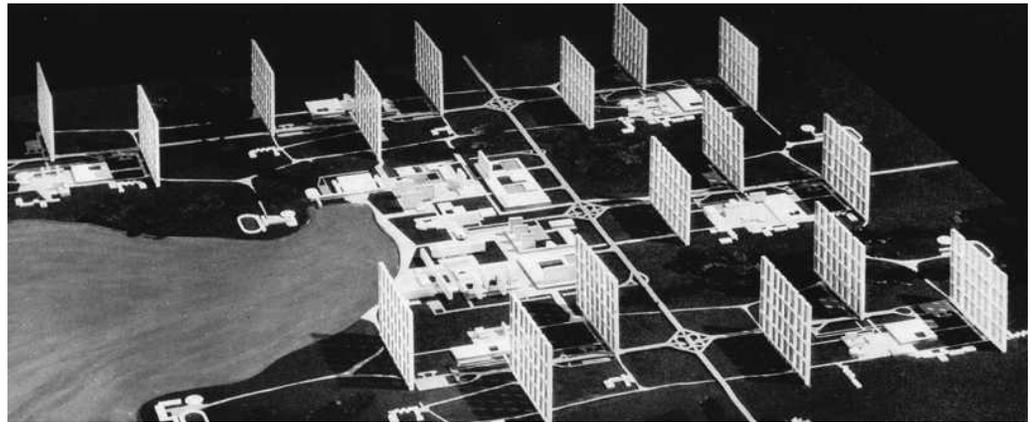
- 23 · A quase unanimidade dos estudiosos de nossa história recente atribui, à renúncia de Jânio Quadros toda a responsabilidade pelo golpe de 1964.



Leonidas, Friendreich e Pelé se encontram no Jaraguá. Provavelmente em 1958 quando lá deixaram as impressões de seus pés.

O “Estadão” e a Arquitetura Brasileira

1957•Concurso do Projeto de Brasília. Foto superior: Rino Levi - 3º lugar, abaixo: Villanova Artigas - 5º lugar.



O ESTADO DE S. PAULO — SABADO, 23 DE ABRIL DE 1960

NOTAS E INFORMAÇÕES

Brasília e o genio brasileiro

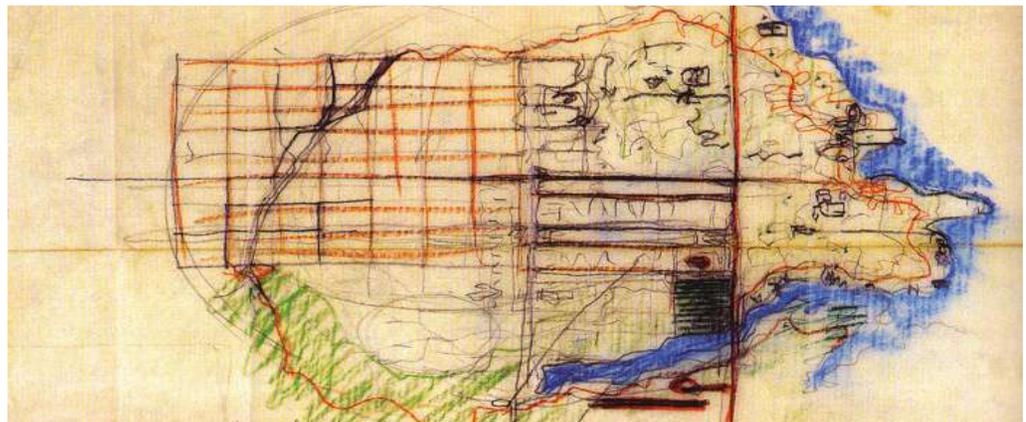
A onda de emoção que varreu o País por motivo da inauguração de Brasília não se desfez ainda. Não bastará, porém, que cesse a euforia de uns e o pessimismo de outros para que se possa avaliar em toda a sua extensão o significado do acontecimento e a sua influencia na marcha da Nação brasileira. A mudança da Capital para uma cidade como Brasília, que brotou do deserto goiano em menos de quatro anos, é um fenomeno historico cujas incidencias sociais, economicas e politicas são extremamente complexas e em grande parte imprevisíveis.

Analisando serenamente o caso de Brasília, há, contudo, um dos seus aspectos, nem sempre lembrado, que justifica e explica, de certo modo, a atitude do homem da rua perante Brasília: a enorme repercussão do acontecimento além fronteiras. Nunca o Brasil foi tão falado no mundo como agora.

A Europa, que persistia em nos ignorar, rende-se á evidencia dos fatos e reconhece como realidade concreta o florescimento no Brasil de um tipo de cultura autonoma que se projeta como afirmacão de elã vital e de maturidade.....

.....consideramos a construçã de Brasília como a pedra de toque da capacidade criadora do homem brasileiro. Spengler tinha razão quando afirmava que no Hemisferio Ocidental se tinha gerado uma cultura nova a que chamou euro-americana. Brasília aí está a demonstrá-lo. Entre as varias linguagens de uma mesma cultura que, segundo aquele pensador e filosofo alemão, a servem como meio de expressã, algumas surgem como manifestações exponenciais das potencialidades de um grupo social. Estão nesse caso, por exemplo, a arquitetura e o urbanismo. Nesse campo parece hoje não haver duvidas a respeito: o Brasil descobriu uma formula nova que corresponde, como nenhuma outra, á expressã plastica da cultura americana contemporanea.

Brasília surge hoje como simbolo e síntese do genio dessa nova estetica. Os nossos arquitetos e urbanistas deixaram gravada nos belos e revolucionarios edificios do planalto a marca da capacidade criadora de uma geracão e de um País. Eis o que não podemos esquecer e que, em face do reconhecimento universal das virtudes da nossa grel,



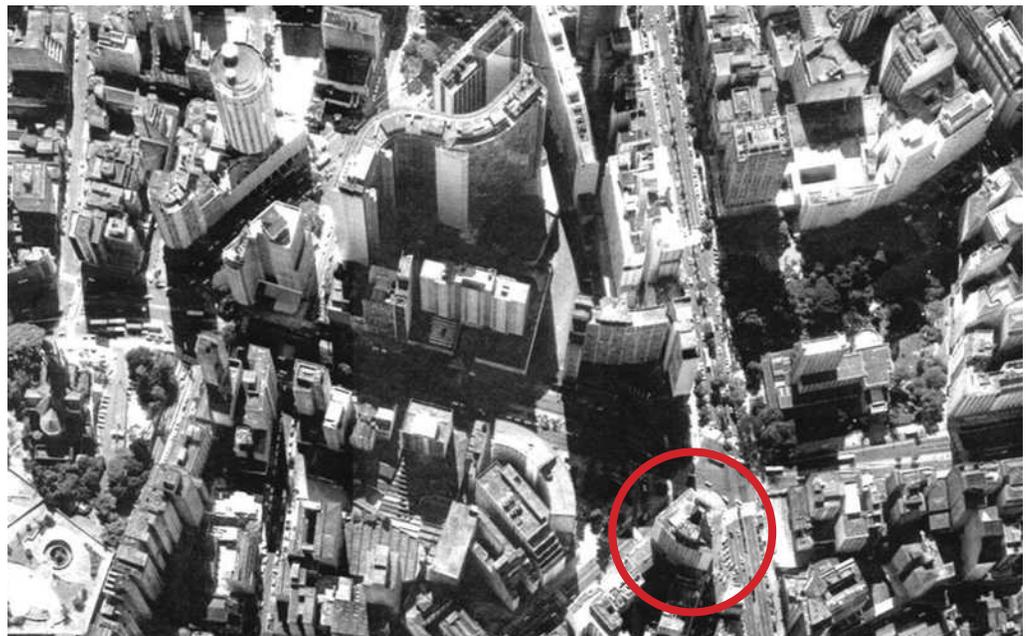


6 · IV Centenário

6. 1954 O Hotel Jaraguá e o IV Centenário da Cidade.

O edifício do atual Hotel Jaraguá foi por anos a cidadela familiar do nosso maior jornal, “*O Estado de São Paulo*”, abrigando desde o depósito das bobinas de papel e as oficinas gráficas que começavam nos subsolos e continuavam pelo térreo onde os transeuntes da animada calçada da Rua Martins Fontes podiam assistir como os rolos de papel, vindos do subsolo à esquerda, iam sendo transformados no “Estadão”, que já saía dobrado e pronto para a distribuição, no outro extremo da imensa sala de impressão, hoje transformada em saguão do Novo Hotel Jaraguá. Se de baixo chegava o papel em alta velocidade, os semi cilindros de chumbo, vindos prontos da sala de composição, que ocupava a sobreloja, desciam automaticamente nas rotativas.

Apesar dos espessos vidros, o ronco trovejante das impressoras era mesmo assim audível do lado de fora, completando o espetáculo e fazendo trepidar a calçada sob os pés de quem dali de fora as observava.



A redação do jornal ocupava o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto andares, trabalhando dia e noite adentro. Parte do quarto andar e do quinto eram o *core* do grande edifício, abrigando a administração, os redatores, a diretoria toda, e finalmente os gabinetes do Dr. Julinho, do seu clã Mesquita e o Salão Nobre, voltado para a Biblioteca Mário de Andrade na Praça Dom José Gaspar.

Entrando pela Rua Major Quedinho, no térreo, à direita, um famoso e animado *piano bar*, onde o Zimbo Trio, Johnny Alf, Juca Chaves, Alaíde Costa, Luiz Bonfá, Hamilton Godoy e tantos outros *big stars* da MPB deram suas notas naqueles anos de sucesso do grande hotel paulistano.

No sexto andar a Rádio Eldorado, seu grande auditório, e moderno estúdio de gravação. E logo acima, no sétimo andar, a portaria do hotel, seu *check in*, sendo a outra no térreo um mero *front desk*. O verdadeiro *Lobby* era este do sétimo andar. Ao seu lado um restaurante elegante, as cozinhas, adegas, cambusas e logo acima os quatorze andares do principal hotel paulistano daqueles anos.



1956 • Juscelino Kubitcheck e Jango Goulart já eleitos são recepcionados no Jaraguá.

Três notícias:

1953 • Inauguração - 1998 • Fechamento - 2000/03 • Retrofit -2 2004 • Reabertura

DOMINGO, 16 DE AGOSTO DE 1953 O ESTADO DE S. PAULO



No próximo dia 18, o "Estado" inaugura em suas novas instalações no edifício Graciano, um painel para o vestibulo,

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL *** WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

CIDADES

ADMINISTRAÇÃO

QUARTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 2005



Projeto do hall do novo hotel: Holiday Inn Select Jaraguá terá entre 320 e 350 funcionários

Hotel Jaraguá volta, com rua interna

Instalações estão passando por reforma total, com reabertura marcada para 2003.

MOÇAMBIQUE

Depois do Bar Brabman e do Hotel Noemandic, o centro de São Paulo vai ganhar de volta outro de seus antigos símbolos: o Hotel Jaraguá, abrigo de personalidades até meados da década de 70, sem reabertura marcada para janeiro de 2003. Até janeiro, os oito primeiros andares do edifício eram ocupados pelo jornal *Diário de S. Paulo*, espaço que foi utilizado,

construção de um teatro com 370 lugares e de um centro de convenções. O projeto do novo Jaraguá está inserido na Operação Urbana Centro, que tem como objetivo revitalizar a região central paulistana. O investimento será de R\$ 40 milhões, custeados pela Sol Invest, empresa do ex-governador Orestes Quércia, dono do prédio. Segundo Maurício Bernardino, diretor da Cosent Hotelaria, que administrará o empreendimento, entre 320 e 350 funcionários deverão trabalhar no Jaraguá.

fachada, o vestíbulo e o salão nobre do edifício.

Agosta - O coordenador-executivo do Procentro - órgão da Secretaria de Habitação que gerencia a revitalização do centro -, Sérgio Abramo, afirmou que a iniciativa de trazer de volta o Jaraguá é "muito bem-vinda". Para ele, a reativação do hotel, inaugurado em 1954, durante as comemorações dos 400 anos da capital, demonstra que a iniciativa privada acredita no programa

E DIFÍCIO
TERÁ
LOJAS E
TEATRO

FOLHA DE S. PAULO

9 de março de 1998

DESPEDIDA Hotel, que será desativado hoje, recebeu celebridades dos anos 50 a 70

Hotel Jaraguá fecha portas sem o brilho de suas estrelas

AURELIANO BIANCARELLI
da Reportagem Local

por São Paulo sem dormir ali. Eram 164 apartamentos e 22 suítes disputadas com antecedência.

na vida aqui e ganhei minha vida aqui." Comprou casa e carro com a caixinha que ganhou. "Era gente

mo hotel ou apart-hotel. O Jaraguá quase não tem os vestidos dos tempos áureos. O b

O Jaraguá foi inaugurado em *soft opening* em 18 de agosto de 1953, oficialmente porém, em 25 de janeiro de 1954. A partir de então, talvez pela ausência de concorrentes do seu padrão, o hotel abrigou personalidades marcantes do século XX, algumas vão retratadas a partir da página 78. Poucos hotéis do mundo tiveram uma plêiade de hóspedes - protagonistas dos eventos históricos da metade final do século passado.

O empresário José Tjours

Por anos o Hotel Jaraguá foi dirigido pelo polêmico empresário José Tjours, *self made man*, sefardi nascido em Buenos Aires. Tjours foi também o concessionário dos Hoteis Nacionais de Brasília e do Rio de Janeiro em São Conrado.



José Tjours saúda o governador Lucas Nogueira Garcez na inauguração do Hotel Jaraguá. 1954

Em São Paulo, foi ele através de sua empresa **Horsa**, incorporador do **Conjunto Nacional** na Av. Paulista, projetado pelo talentoso arquiteto mineiro David Libeskind. Obra de sucesso, que ocupa todo um quarteirão, muito contribuiu para o deslocamento do comércio e serviços da zona central para a Avenida Paulista. Tjours em São Paulo, como Onassis em Buenos Aires, havia começado sua vida como *chauffeur* de taxi, se auto-nomeava o “*Onassis brasileiro*”. Lamentavelmente, ao contrário do armador grego, faliu, tendo falecido quase pobre.

I Festival de Cinema de São Paulo

A primeira promoção internacional realizada no Jaraguá foi o I Festival de Cinema de São Paulo, parte integrante dos festejos do IV Centenário, que terminou por ser o único, não acontecendo jamais um segundo...



1954 • Julio Mesquita Filho recebe Edward G. Robinson durante a abertura do festival.

Atraíu grandes vedetes do cinema mundial, assim como vários diretores, entre eles Erich von Stronhein. Três notáveis filmes disputaram o grande prêmio que ficou para “Noites de Circo” de Ingmar Bergman, que iniciou aqui sua fama mundial. O segundo para “O Salário do Medo” de Henry-George Clouzot com Yves Montand e Charles Vanel. O lendário “Shane” de George Stevens com Alan Ladd foi o terceiro, sendo hoje um *cult movie*, resistindo melhor o passar do tempo mais que os outros dois.



7 · Rádio Eldorado · 1958

7. A Rádio Eldorado

A Rádio Eldorado ocupou parte do 6º andar do edifício do Jaraguá. Sua entrada no ar trouxe à radiofonia brasileira, outro padrão de programação nos noticiários, principalmente na edição e difusão de boa música. Ver página 54.

A direção artística era de Carlos Vergueiro, notável ator, radialista e jornalista, cuja esposa Zilah Maria fazia a seleção musical do programa “Um piano ao cair da tarde”, onde os paulistanos descobriram Thelonius Monk, Bill Evans, Oscar Peterson, Dave Brubeck na locução competente de Rubens de Falco. Outros locutores de fala moderna como Mário Lima e Sérgio Vioti, aquele casado com Alaíde Costa, este último, egresso da BBC, que fazia o programa as 23 horas “Música de Concerto”.

Grande contribuição da emissora à música, foi a de revelar talentos, instituindo o “Concurso de Piano Eldorado” cujo primeiro vencedor foi João Carlos Martins. Entre outros, nos recordamos de Amilton Godoi, Caio Pagano, e Gilberto Tinetti, todos hoje célebres e na ativa.



Angela Maria acompanhada por Louis Armstrong, no bar do Jaraguá.

Programação da Rádio Eldorado

07:00 - 07:30 - Jornal
 07:30 - 08:00 - Musica de Concerto
 08:00 - 08:30 - Musica Ligeira Orquestral
 08:30 - 08:55 - Musica Latino-Americana
 08:55 - 09:00 - Noticiário
 09:00 - 09:30 - Um Cantor por dia
 09:55 - 10:00 - Noticiário
 10:00 - 10:30 - Musica Popular Brasileira
 10:30 - 10:55 - Novidades em Discos
 10:55 - 11:00 - Noticiario
 11:00 - 11:30 - Musica da Europa
 11:30 - 11:55 - Valsas de todo o Mundo
 11:55 - 12:00 - Noticiario
 12:00 - 12:55 - Musica de Concerto
 12:55 - 13:00 - Noticiario
 13:00 - 13:30 - Canções de Todo o Mundo
 13:30 - 14:00 - Musica Ligeira
 14:00 - 14:30 - Jorbal
 14:30 - 15:00 - Musica Brasileira
 15:00 - 15:30 - Musica Popular Norte-Americana
 15:30 - 15:55 - Musica Vocal
 15:55 - 16:00 - Noticiario
 16:00 - 16:30 - Uma Orquestra por Dia
 16:30 - 16:55 - Cantores do Povo
 16:55 - 17:00 - Noticiario
 17:00 - 17:30 - Musica de cinema
 17:30 - 17:55 - Ritmos Modernos
 17:55 - 18:00 - Noticiario
 18:00 - 18:30 - Musica de Concerto
 18:30 - 19:00 - Musica Ligeira
 19:00 - 19:30 - Musica Francesa
 19:30 - 20:00 - Agenda nacional
 20:00 - 20:55 - Musica de Concerto
 20:55 - 21:00 - Noticiario
 21:00 - 21:30 - Musica Lírica
 21:30 - 22:00 - Musica Latino-americana
 22:00 - 22:30 - Jornal
 22:30 - 23:00 - Musica Popular Brasileira
 23:00 - 23:55 - Musica Popular Norte-americana
 23:55 - 24:00 - Noticiario

Aos Sábados

07:00 - 13:00 - A mesma de todos os dias
 13:00 - 19:00 - Tarde Esportiva - Musica Variada e noticiario esportivo local, nacional e internacional

19:00 - 24:00 - A mesma de todos os dias

Aos Domingos

07:00 - 07:30 - Jornal
 07:30 - 08:00 - Musica Matutina
 08:00 - 08:30 - Solistas populares
 08:30 - 09:00 - Ritmos Brasileiros
 09:00 - 09:30 - Musica Paraguaia
 09:30 - 10:00 - A Musica Viaja
 10:00 - 10:30 - Vozes em Conjuntos
 10:30 - 11:00 - Arranjos modernos de Peças Consagradas
 11:00 - 11:30 - Sucessos de Sempre
 11:30 - 12:00 - Musica Americana Suave
 12:00 - 13:00 - Musicade Concerto
 13:00 - 19:00 - Tarde Esportiva
 19:00 - 19:30 - Musica Orquestral
 19:30 - 20:00 - Musica Boliviana
 20:00 - 22:30 - Opera Completa
 22:30 - 23:00 - Musica Popular Brasileira
 23:00 - 24:00 - Musica Popular Norte-americana



A rainha da *chanson française* Edith Piaf



8 · A Exaustão do Edifício

8. A Exaustão do Edifício

É de conhecimento geral, porém sempre conveniente lembrar, que os edifícios hoteleiros exigem reforma total a cada 20/25 anos, seja pelo natural desgaste causado pelo seu intenso uso, seja pelo vandalismo de hóspedes descuidados e predadores, seja pela natural evolução tecnológica dos equipamentos, ou pela crescente ansiedade dos viajantes por mais conforto.

Acresça-se ainda o fato dos grandes hotéis de meados do século XX em diante serem promotores de eventos de todos os tipos. A maioria destes hotéis é dotado de grandes espaços para cursos, congressos, convenções, turismo, negócios, compras, esportes, festas, lazer, gastronomia, shows, treinamentos, etc.

Junte-se ainda a rapidez com que os grandes grupos de viajantes atingem o *check in* dos hotéis a partir de vôos jumbo, em vários ônibus e taxis. Esses maciços grupos, apressados e irriquietos partem dos hotéis nos dias seguintes, em horário quase idêntico que chegam outros tantos, congestionando o *front desk* e os serviços de bagagem.

Como prática, quase todos os hóspedes tomam o seu café da manhã no próprio hotel (onde uma pequena percentagem o faz nos quartos), mas raramente ali almoçam e quase nunca jantam. Mas, se seus vôos atrasam ou se o evento do qual participam se estende, querem almoçar ou jantar ali mesmo.

Há ainda o *room service*, que atende nos próprios quartos aos que chegam ou acordam tarde ou que ali trabalham *en petit comité*, e os que dão pequenas festas e, ainda, os que estão em lua de mel. Esses últimos, pasmem, ainda é, hoje em dia, uma das promoções lucrativas dos hotéis.

Estes fatos obrigam os hotéis a terem suas instalações super dimensionadas para atender demandas maiores, coisa que os faria ter prejuízos levando-os à falência. A solução é ter restaurantes e bares tão atraen-



tes, que possam induzir a população fixa da vizinhança a frequentá-los, tornando-os assim departamentos quase autônomos, muitas vezes terceirizados às grandes cadeias de restaurantes e bares. O mesmo se passa com suas *boutiques* que, as vezes, levam vantagem em relação as lojas do comércio regular ao funcionarem por 24 horas.

Voltando a nos referir à obsolescência dos edifícios hoteleiros, que exigem sua recuperação total periódica, no caso do Hotel Jaraguá, ela foi postergada não para pouco, após os 25 anos tecnicamente precocizados e sim, por mais de 45. Neste intervalo, que vai de sua inauguração em 1953/54 até sua reinauguração em 2004, ambas em efemérides marcantes de nossa capital: seu quarto centenário e seu 450° aniversário. Neste período de 50 anos a transformação urbana de São Paulo foi, além de imprevisível, estonteante.

Nos recordamos do esforço feito por todos os paulistanos: a imprensa, as autoridades e a própria população para que a cidade, então com pouco mais de 2.300.000 habitantes, fosse muito mais populosa, e que já houvesse ultrapassado o Rio de Janeiro, então a maior cidade do país, o que nem era verdade, mas viria rapidamente a acontecer.

Não deveríamos ter tido tal ambição populacional, pois hoje ficamos do tamanho que somos, muito maior até mesmo que Buenos Aires, na época a maior de todas as cidades sul americanas, e não fora a outra gigantesca metrópole, a cidade do México, já seríamos a maior de todas as Américas.

Lembremo-nos que São Paulo abriu o século XX com pouco menos de 240.000 habitantes e que no recenseamento anterior de 1890 só contava só com 64.934, tendo naqueles 10 anos crescido 3,7 vezes.

- Em 1939 tinha 800.000.
- **Em 1950** 2.000.000 ou, 2,5 vezes em 11 anos.
- Cinquenta e oito anos após teria 3.700.000 ou, 15,4 vezes mais.
- Nos cem anos do século XX cresceu 75 vezes!

É necessário observar-se que aquele crescimento populacional da cidade de 3,7 vezes em 10 anos (1890-1900) foi causado majoritariamente pela **migração externa**, enquanto o enorme crescimento mais recente se deve à **migração interna**, de pessoas em geral humildes que aqui vêm a procura do que jamais encontrarão ou, que só muito poucos poderão encontrar.

O segundo grande conflito mundial ao terminar em 1945, mostrou ao mundo um Brasil totalmente renovado em relação ao de antes da guerra, em grande parte, por força da modernização do Estado Brasileiro, produzida pelo governo Vargas, outro tanto pela própria participação brasileira na guerra mas, muito pela migração recebida pelo país, antes, durante e no pós guerra, só interrompida pelo *Plano Marshall* que revitalizou a economia europeia cessando a migração.

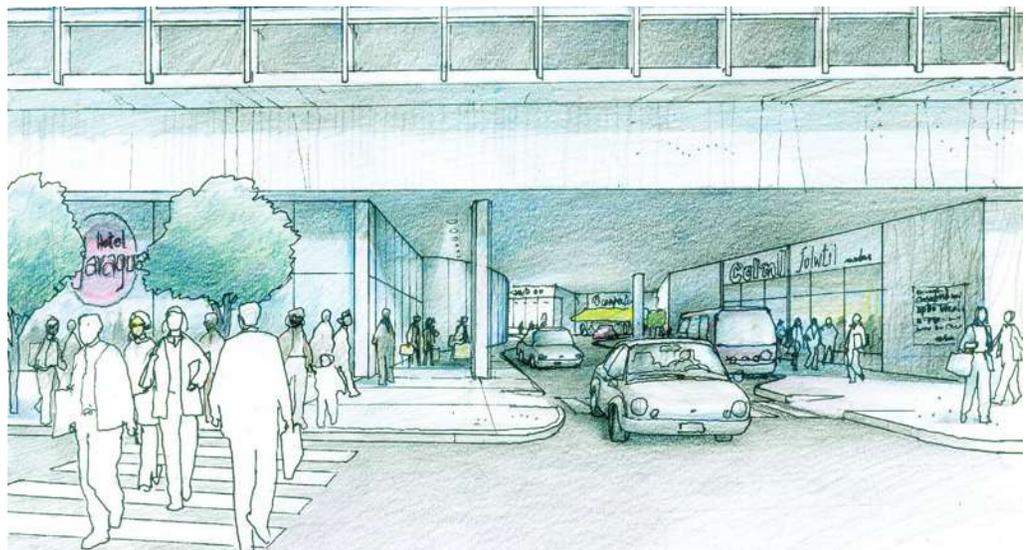
Não foi entretanto apenas o crescimento da capital, o veloz aumento de sua importância no contexto brasileiro e mundial, as causas da desatualização do edifício do Jaraguá que, à época de sua inauguração em 1954, era moderno, bem construído, eficiente e *up to date*.



9 · O Retrofit

9. 2004 O edifício recuperado: o *retrofit* e reabertura

Retrofit associa a palavra francesa *retro* para indicar passado, algo que já foi, com a palavra inglesa *fit*: estar pronto, “sarado”, novo em folha. Carlos A. Fagin em artigo sobre *retrofit* na Folha de São Paulo chama a atenção que o *retrofit* não pode dar feição **retrógrada** (mesmo étimo) ao edifício e que um *retrofit* deve implicar sempre em **mudança de uso**. Foi este justamente o que se passou com o Hotel Jaraguá. Suas extensas áreas antes destinadas a depósitos, à oficinas gráficas, à redação, à Rádio Eldorado, se transformaram num centro de convenções e congressos. O prédio ganhou até um teatro. É verdade que a “torre” do edifício continua ser um hotel, mas totalmente renovado, e modernizado. Eram 263 apartamentos, agora são 416. Enfim, um **novo uso** para um edifício de uma época passada, ganhando um enorme saguão, *business center*, lojas, *fitness center* e uma confeitaria 24 horas.



A rua interna vista pela entrada da Martins Fontes. Na calçada da esquerda, se localiza a entrada do lobby do hotel, o centro de convenções e a loja de conveniência. Na da direita, a praça de retorno e a confeitaria vinte e quatro horas. Ver pg.77. Desenho de Valandro Keating. 2001

No caso específico do Hotel Jaraguá, a sucessão dos acontecimentos que terminaram com sua completa recuperação obedece a seguinte sequência:

- 1- Saída do “Estadão”, incluindo redação, oficinas, diretoria, para sua nova sede na Marginal do Tietê. As áreas antes ocupadas pelo jornal foram então locadas à “Gazeta Mercantil”.
- 2- O hotel, a míngua de recursos para manutenção, termina por encerrar suas atividades.
- 3- A “Gazeta Mercantil” é adquirida pela *Sol Invest*, que nos contrata para o projeto de recuperação do edifício.
- 4- Nosso primeiro encargo foi o de auxiliar na organização de um **programa de obras**. A tarefa é difícil pelas dúvidas de como utilizar as grandes áreas antes ocupadas pelos depósitos e oficinas gráficas, redações etc.
- 5- Sugerimos a contratação de um consultor de hotelaria neutro, já que, todos os que haviam comparecido às reuniões eram de uma maneira ou de outra, ligados à redes hoteleiras comerciais, interessadas em explorar o hotel. Eram pseudotécnicos.
- 6- Conseguimos contato com o professor Richard Penner da *Cornell University*, autor de um bom livro sobre hotelaria: *“Hotel Design Planning and Development”*.
- 7- Não conseguimos que a *Sol Invest* contratasse Penner mas, num longo telefonema que lhe fizemos, ele gentilmente nos deu certas relações básicas de áreas internas, números de funcionários e refeições. Além de ótimos conselhos sobre a circulação vertical, enfatizando a obrigatoriedade de escadas rolantes de duplo sentido.

Em seguida, ao organizarmos o ante-projeto, verificamos que o perímetro total do prédio não conseguiria conter o grande número de acessos independentes, necessários a um hotel que são:

- Hóspedes e clientes
- Convenções, congressos, cursos, teatro
- Restaurante para clientes internos ou avulsos
- Entrada pessoal *white collar*: 300 pessoas
- Entrada gerências, relações públicas e vendas
- Entrada de serviço *blue collar*: 150 pessoas
- Doca para carga e descarga

Arriscamos propor a abertura de uma **rua interna**, interligando a Rua Martins Fontes com a Major Quedinho, com duas mãos de direção tanto para automóveis quanto para pedestres. Ao longo dela foram distribuídos os acessos mais nobres, ficando diretamente para a Rua Major Quedinho apenas as entradas de serviço e a doca para carga / descarga.



A rua interna proposta. Desenho de Valandro Keating. 2001

São comuns as ruas internas em edifícios no centro de São Paulo. Há o Guatapará, o edifício Copan, a Galeria California, o edifício Olido e vários outros. São entretanto só para pedestres e foram construídos conjuntamente com o prédio onde se localizam. No caso presente, além de servir a veículos e pedestres, foi aberta posteriormente, cinquenta anos após, implicando na erradicação de cerca de nove pilares.

O *retrofit* do edifício então, é coerente com suas pré condições: não alterou absolutamente em nada, um detalhe que seja da volumetria, da arquitetura, dos revestimentos, dos caixilhos, que foram todos refeitos com o mesmo desenho original do prédio, como aconteceu também com os *brises-soleil*, retirados, recuperados, repintados e recolocados em suas cores originais.



Rua interna. Observar as calçadas laterais de pedestres.

Três muralistas célebres, outro não.

Um Portinari, um Di Cavalcanti, um Clovis Graciano e um mural do próprio arquiteto, este “por falta de verba”.

Faziam parte da ambientação do grande edifício três murais dos maiores muralistas brasileiros: Portinari, Di Cavalcanti e Clovis Graciano.

O primeiro deles “Os Fundadores” de Cândido Portinari, não está mais no edifício. Ao ser vendido, “O Estadão” levou-o para a nova sede, pois o mural trata justamente da fundação do “A Província de São Paulo” em 1875, Portinari pintou os “Fundadores” em volta de uma mesa, onde é certo que não estiveram juntos naquele dia ou mesmo jamais.

Tomou ainda a liberdade de ambientá-lo no pátio interno do primeiro edifício (demolido) da Faculdade de Direito do Largo São Francisco.



Happy hour no antigo bar do IAB. Circa 1960.

Quatro *habitués*: Clovis Graciano, Zenon Lotuffo, M. Juliano e Jarbas Marinho

Três auto retratos:



Di Cavalcanti, Emiliano
Rio de Janeiro, 1897 - RJ. 1976
Mural “A Imprensa”



Portinari, Cândido
Brodowski, 1903 - SP. 1962
Mural “Os Fundadores”



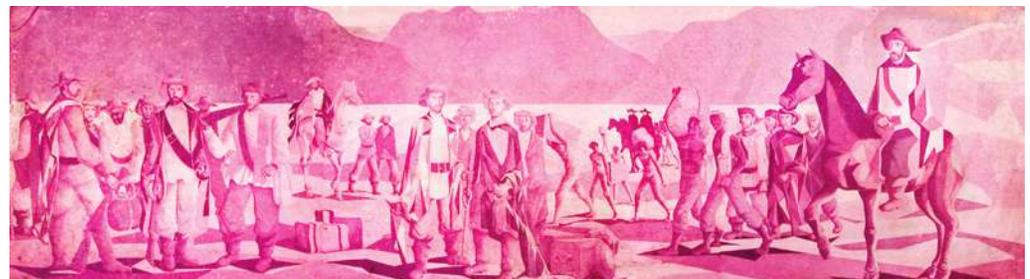
Graciano, Clóvis
Araras, 1907 - SP. 1988
Mural “Saída de uma Bandeira”

O mural “A imprensa” de Di Cavalcanti, que o prédio ostenta externamente, acha-se totalmente restaurado, ajudado pelos desenhos originais e as mesmas pastilhas Vidrotil, escolhidas por Di.



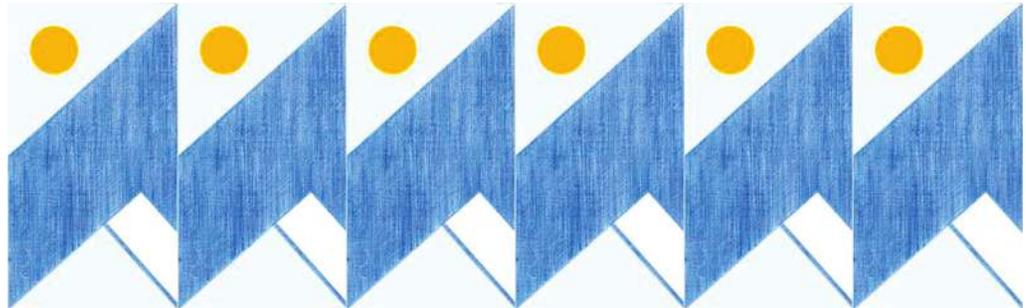
Mural “A Imprensa” de Di Cavalcanti, totalmente restaurado em vidrotil original.

Foi ótimo que Portinari não tenha pintado “Os Fundadores” sobre como fez Clovis Graciano, no seu “Bandeirantes”, hoje deteriorado, a espera de restauro, de autorizações burocráticas, de verbas...



Saída de uma Bandeira de Clovis Graciano aguardando por restauro total.

Ao solicitarmos do novo proprietário que fosse feito mais um mural na rua interna, que ficara muito despida ao longo da parede frontal à entrada do *lobby*, ele argumentando falta de verbas brincou: *faça você mesmo*. Aceitamos o desafio e desenhamos um mural geométrico que foi executado pelos pintores da obra.



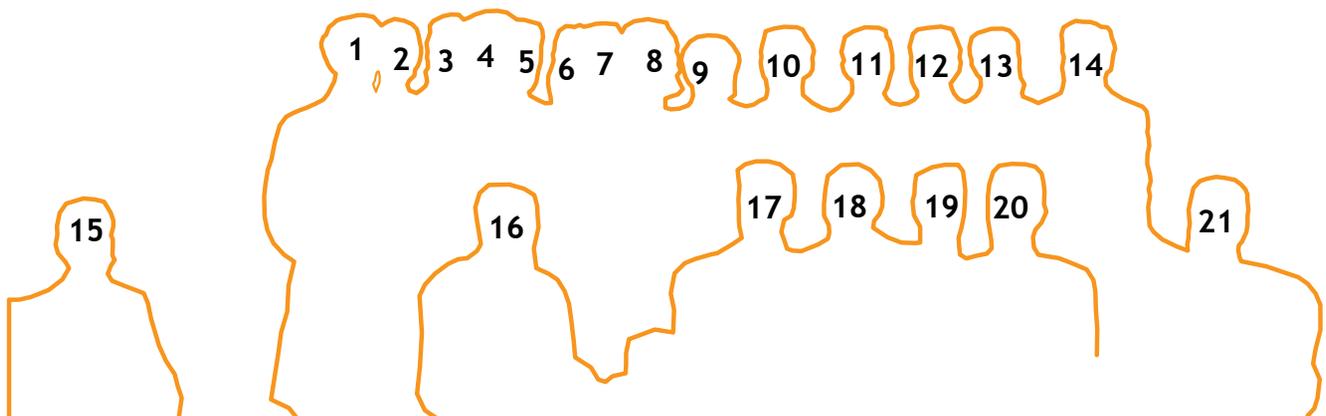
Mural Despertar do Jaraguá de M Juliano



Vista do grande lobby, olhando para a entrada principal da Rua Interna.



A pintura representa a fundação de “A Província de São Paulo” em 1875. Em 1889, com a República passou a chamar-se “O Estado de São Paulo”. Portinari idealiza a cena tendo como fundo o patio da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.



Fundadores:

1. Américo de Campos
2. Bento Bicudo
3. Antonio Carlos Ferraz Salles
4. Francisco Glicério
5. José Vasconcellos Almeida Prado
6. Antonio Pompeu de Camargo
7. Cândido Valle

8. Martinico Prado
9. J. Francisco Paula Souza
10. Francisco Salles
11. José Pedroso Moraes Salles
12. Diogo de Barros
13. Manuel Elpídio Pereira de Queiroz
14. Raphael Aguiar Paes de Barros

15. José Manuel Almeida Barboza
16. Rangel Pestana
17. Américo Brasiliense de Almeida
18. Jorge Tibiriçá Piratininga
19. João Tobias de Aguiar
20. José Alves Cerqueira César
21. Manuel Ferraz de Campos Salles



10 · Obra arquitetônica

10. A permanência da obra arquitetônica

“Le temps est architecte, le peuple leur maçons.” A. Dumas, père.

O título deste capítulo poderá parecer, além de ambicioso, um tanto pretencioso como título para o trabalho que estamos apresentando. Poderia ser talvez substituído por algo mais ao gosto atual, e com uma interrogação final:

Qual é o tempo de **validade** de um edifício?

Mas, validade é hoje termo gasto em contratos, em passagens aéreas, cartões de crédito, em caixas de remédios, em etiquetas de supermercados.

Não nos serve. Pois aqui, trata-se de um edifício.

Seria melhor indagar de sua **durabilidade**?

Suponhamos que ele tenha sido bem projetado, que sua estrutura e suas fundações hajam sido cuidadosamente calculadas, sua construção primorosa, e que os materiais empregados todos, sem exceção, de qualidade superior.

Suponhamos ainda que ele não se encontre implantado rente ao alinhamento de uma via pública algum dia alargável, ou ainda na direção de um possível prolongamento da mesma.

Contemos como certo que não se trata de uma Catedral, nem abrigue um enorme reator nuclear, ou que não esteja pousado sobre a Falha de San Andreas ou outra falha tectônica. E ainda que escape das bombas no caso de uma guerra.

Então como edificação, poderá perdurar para sempre.

Mas, com alguma certeza, se pode dizer que ele só vai durar, **para a finalidade que foi projetado**, enquanto perdurar seu programa de obra. E este, sabemos, irá se alterar várias vezes, pelo futuro afora, seja por novas condições, ou necessidades que não poderiam jamais ser previstas no programa inicial que orientou seu projeto e construção.

O seu uso inicial poderá até mesmo ser um dia prescrito.

O sítio em que foi implantado pode haver se transformado totalmente por sucessivas reformas urbanas. Ou se deteriorado. Seus equipamentos todos estarão datados.

Não nos serve portanto passar para um título interrogativo mais modesto: **nem validade, nem durabilidade** nos servem. O que nos obriga a volver ao título anterior e tentar falar da **permanência da obra arquitetônica**.

É claro que, muito nos ajudam os grandes exemplos de edifícios clássicos, sejam gregos, romanos, egípcios, chineses, maias, ou modernos, mas a maioria daqueles que se prestariam a este exemplo são construções ligadas a cerimoniais ou a um clero, ou a festividades que, na sua maior parte, desapareceram.

Portanto, tudo com que podemos contar é simplesmente o conhecimento do passado.

Mas se alguma arte pode falar do passado com autoridade ela é justamente a Arquitetura.

Como será o futuro?

Poderá ser, como nos indica Norbert Wiener, a era de máquinas que projetam máquinas. Ou como quer Wiener: **“é permitido multiplicar máquinas por uma constante e é lícito então somá-las.”** E este é apenas o futuro próximo!

*“Nascerá, como já está nascendo, uma cultura da readaptação contínua, nutrida de **utopia**. Foi assim que o homem medieval inventou a universidade, com a mesma desinibição com que os clérigos vagantes de hoje a estão destruindo; e talvez transformando Ninguém diz que esta nova Idade Média representa uma perspectiva de todo alegre. Como diziam os chineses para maldizer alguém: Que você possa viver numa época interessante.”* Umberto Eco, 1972

Se não quisermos ir muito longe, podemos afirmar que o edifício da FAU/USP na Cidade Universitária, poderá existir sempre carregando junto a auréola de obra de arte que realmente ele pode ostentar.

Seu uso interno entretanto ficará sempre pendente do que será então o ensino da arquitetura no futuro próximo, médio ou distante. Ou melhor, como será no futuro ministrada a educação superior? Ou ainda se haverá sempre uma arquitetura? O máximo que podemos dizer é que não sabemos ou, pior ainda, nem há como saber.

Sabemos por outro lado, e isto é uma tautologia, que um edifício enquanto representar a arquitetura de seu tempo (monumento) será eterno. Mas, quantos monumentos arquitetônicos se poderá dispor, nalgum futuro, de povoações ainda mais densas que as que temos agora? Como sustentar seus custos de manutenção e consumo?

Há um dado básico a considerar. Além da correção projetual, das boas condições técnicas da obra, da flexibilidade do interior de um edifício, ou de sua plástica, há algo que o ajudará a permanecer. **É o sítio da cidade onde ele se situa.**

É aparentemente simples, mas nem sempre comum nas cidades grandes que cresceram muito rápido como a nossa: é de como, o dado edifício se associa com os outros em seu entorno, formando um conjunto urbano estável e interdependente.

Havendo essa condição é mais fácil acreditar-se na permanência do conjunto formado pelo *Louvre*, somado aos *Jardins du Carroussel*, a *Place de la Concorde*, a *rue de Rivoli*, os *Champs-Élysées* do que na mera permanência isolada de um só, ou alguns dos edifícios que compõem este conjunto, mesmo considerando alguns deles magistrais.

Caso semelhante se estende ao conjunto *Picadilly*, *Saint James*, *Victoria Station*, *Trafalgar Square*, *Waterloo Bridge* do que com qualquer um dos seus edifícios isoladamente. O mesmo acontece na Esplanada do Castelo com a Praça Mauá, a Candelária, a Avenida Rio Branco, o aeroporto Santos Dumont, o MAM e o Aterro do Flamengo.

E também, em **nossa capital**, o conjunto urbano formado pelo Anhangabaú, Viaduto do Chá, Teatro Municipal, Avenidas São Luiz e Ipiranga, as Praças da República e Dom José Gaspar, a antiga sede da *Light*, o Colégio Caetano de Campos, a Biblioteca Mario de Andrade, onde se encaixa nosso edifício tese.

Poderíamos vaticinar que o edifício, cuidadosamente detalhado por Franz Heep, suportará dignamente a passagem do tempo? É claro que sim, na justa medida em que também ele se enquadra num **agrupamento de edifícios coerentes entre si**, de boa arquitetura, formando aquele tipo de conjunto urbano difícil de ser tocado.

Neste contexto o edifício do Hotel Jaraguá certamente poderá aguardar sua permanência a perder de vista.

Será sempre o mesmo?

Certamente, por algum tempo sim.

Mas e depois? Como saber?

Nós só sabemos que não vamos conseguir saber. Mas, e um novo *retrofit*, digamos daqui a outros cinquenta anos? Em mais ou menos, digamos 2054 no V Centenário da “**A Capital da Solidão**” como a nomeia Roberto Pompeu de Toledo?

Terá nosso prédio se tornado ele próprio uma “**Fortaleza da Solidão**”? (a expressão é de Umberto Eco).

É uma hipótese mas, cada vez mais pessoas vivem sós. Milhões trabalham sós em suas casas, usando um *laptop* e um celular como únicos equipamentos.

Viajarão sós?

Sim. Mesmo hoje já é grande o número de viajantes solitários. Os hotéis reconfirmam esta tendência global crescente, que embora possa parecer triste ou frustradora, significa no fundo, mais liberdade.

O que poderá ele, neste V Centenário, representar para a cidade, para a população, para os usuários e, principalmente para aqueles que por ventura vierem a estudá-lo?

Sem dúvida, o sistema construtivo estará mudado, os materiais de construção serão mais resistentes e certamente mais leves. Os seus *brises-soleil* parecerão românticos porque os *insufilms* serão ainda mais eficientes e, é provável que sequer ainda existam, pois os vidros ou o material que os terá substituído saberá sozinho regular a entrada de luz e calor. O equipamento interno que lhe foi destinado estará carcomido e novas tecnologias terão produzidos outros, hoje impensáveis.

Suas modernas cozinhas, lavanderias, câmaras frigoríficas, parecerão pré-históricas. Como também seus elevadores e seus aparelhos sanitários. Seus modernos telefones atuais e os computadores idem. Sua construção mostrará o sistema ainda um pouco artesanal, da mão de obra empregada na sua construção em 1950, parecendo também evocar romanticamente um passado próximo mas já extinto.

O que então terá permanecido?

Certamente a arte e a habilidade de seu arquiteto dando-lhe originalidade plástica, corretas proporções, cores atraentes, enfim a criação, que foi produto do seu talento, de sua competência, do seu trabalho e de sua vontade. Tendo deixado impressa sua sintaxe própria legando ao futuro a incumbência de sua semântica e retórica.

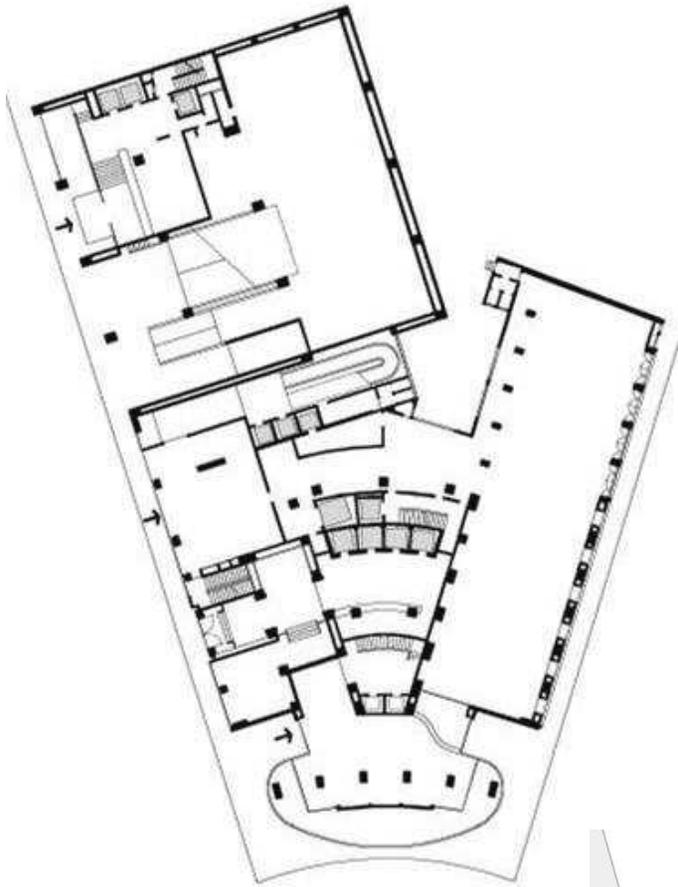
Nisto ele se comportará como qualquer obra de arte, carregando consigo lembranças já perdidas, que ela torna presentes quando admirada.

“ A informação só é válida, enquanto atualidade.....Só vive neste momento entregando-se-lhe completamente.....Por isto a história do Egito antigo ainda consegue suscitar admiração e reflexão.”

T.W. Adorno 1955

O prédio totalmente recuperado, inclusive o grande relógio e o mural em vidrotil de Di. Cavalcanti



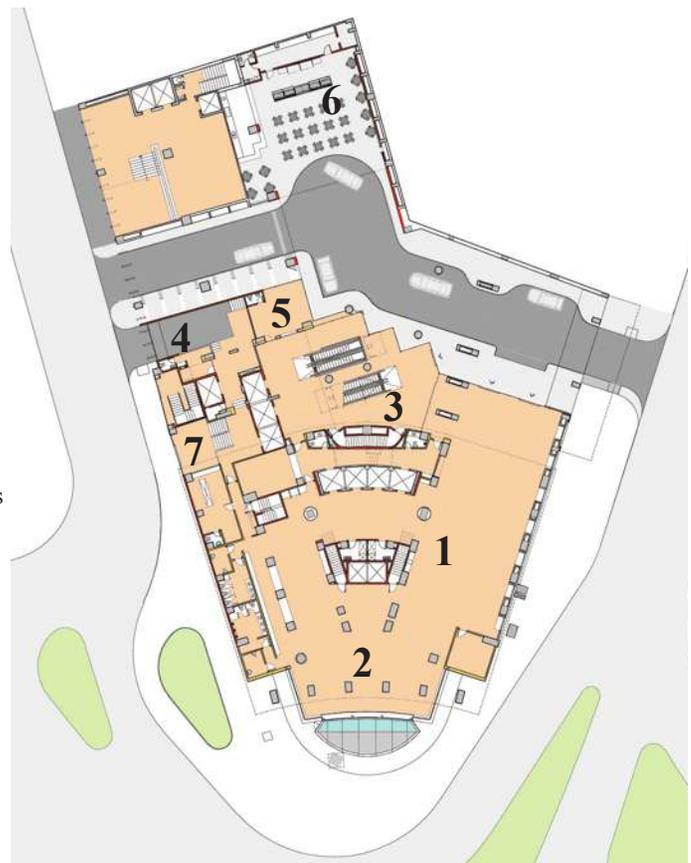


ANTES

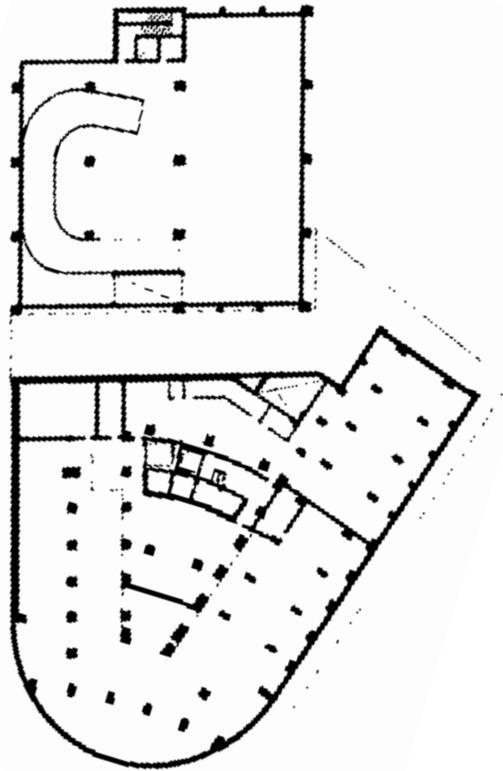
Térreo:

As facilidades conseguidas com a abertura da rua interna, deixou este hotel ainda mais confortável que seus novos concorrentes e de maior custo de hospedagem.

1. Lobby
2. Piano-bar
3. Acesso à convenções e ao restaurante
4. Carga-descarga
5. Loja de conveniências
6. Confeitaria 24 horas
7. Entrada de pessoal

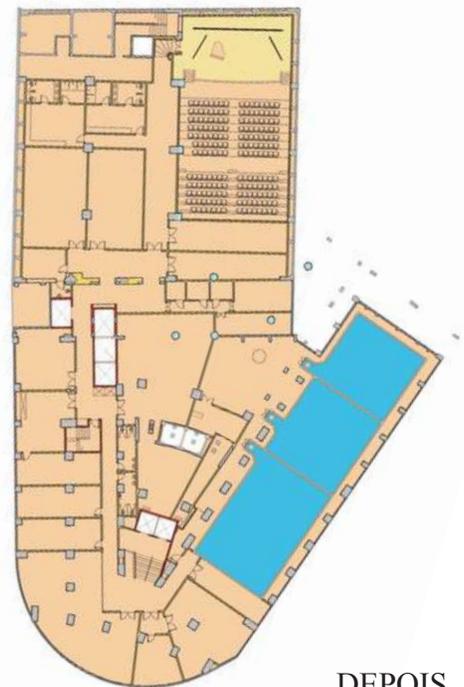


DEPOIS

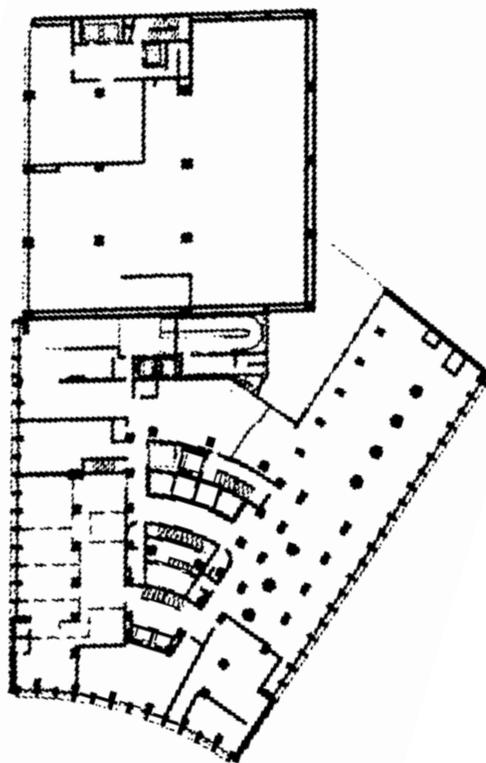


ANTES

O auditório, nos 3 subsolos possui instalações técnico-acústicas suficientes para peças teatrais, tendo mantido programação regular. Os espaços maiores são para convenções e as áreas mais subdivididas destinam-se aos vários serviços de apoio e conforto do pessoal, dotado de moderno sistema central de ar-condicionado.



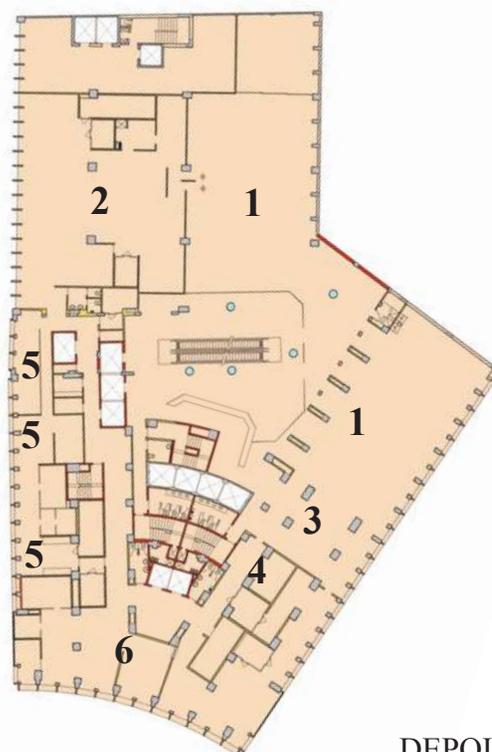
DEPOIS



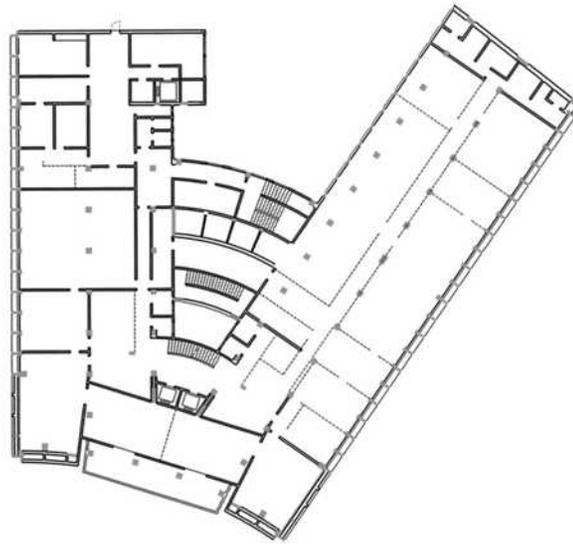
ANTES

1º Andar

1. Restaurante
2. Cozinha
3. Cambusa
4. Central do room service
5. Dispensa e câmaras frias
6. Nutricionistas e gerente de comida e bebidas



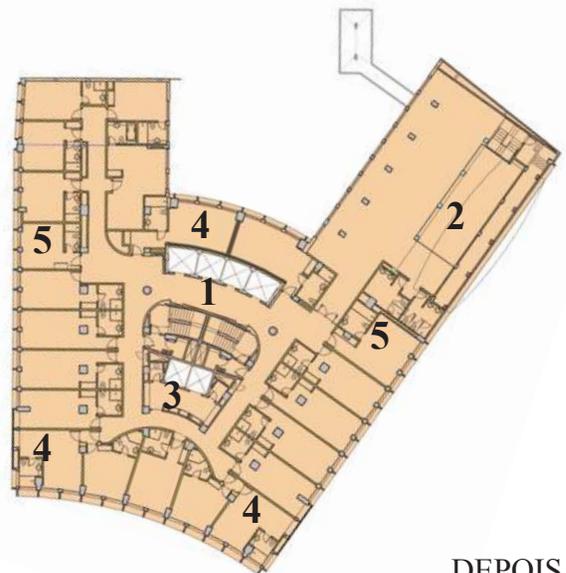
DEPOIS



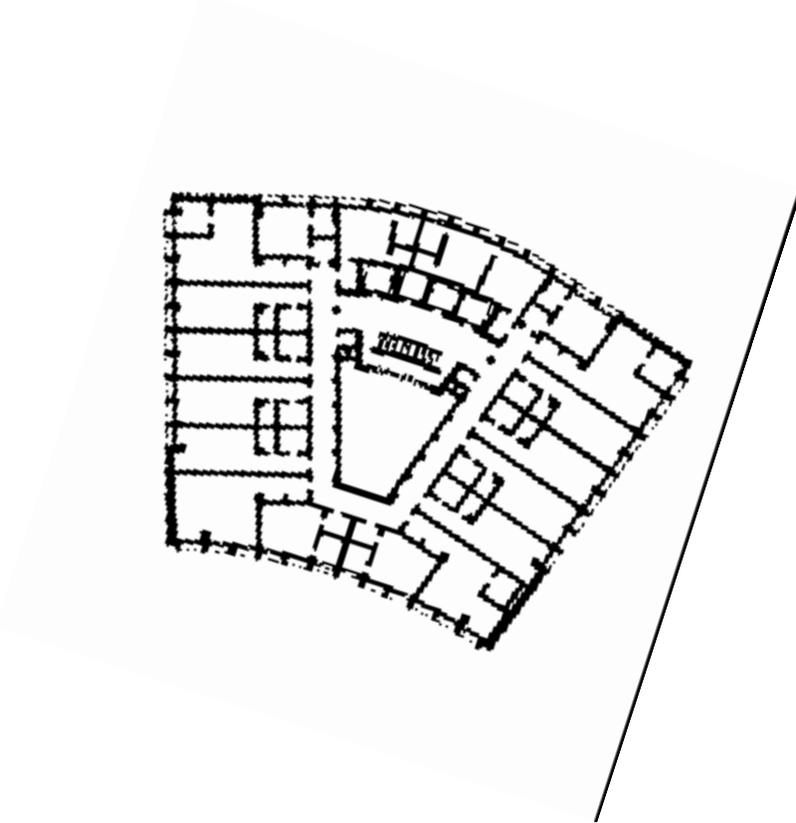
ANTES

6º Andar

1. Elevadores de hóspedes
2. Fitness Center
3. Elevadores de serviço
4. Suítes
5. Apartamentos



DEPOIS

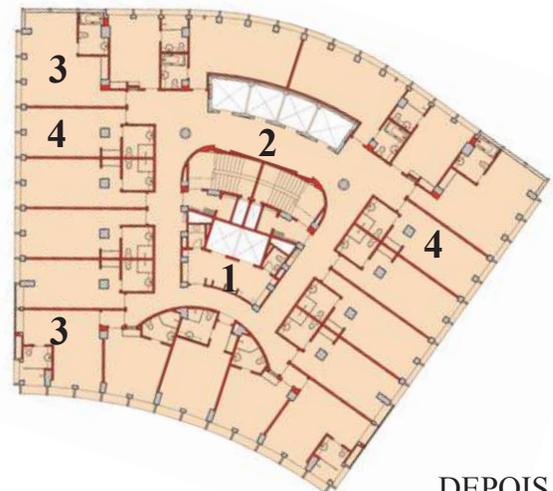


ANTES

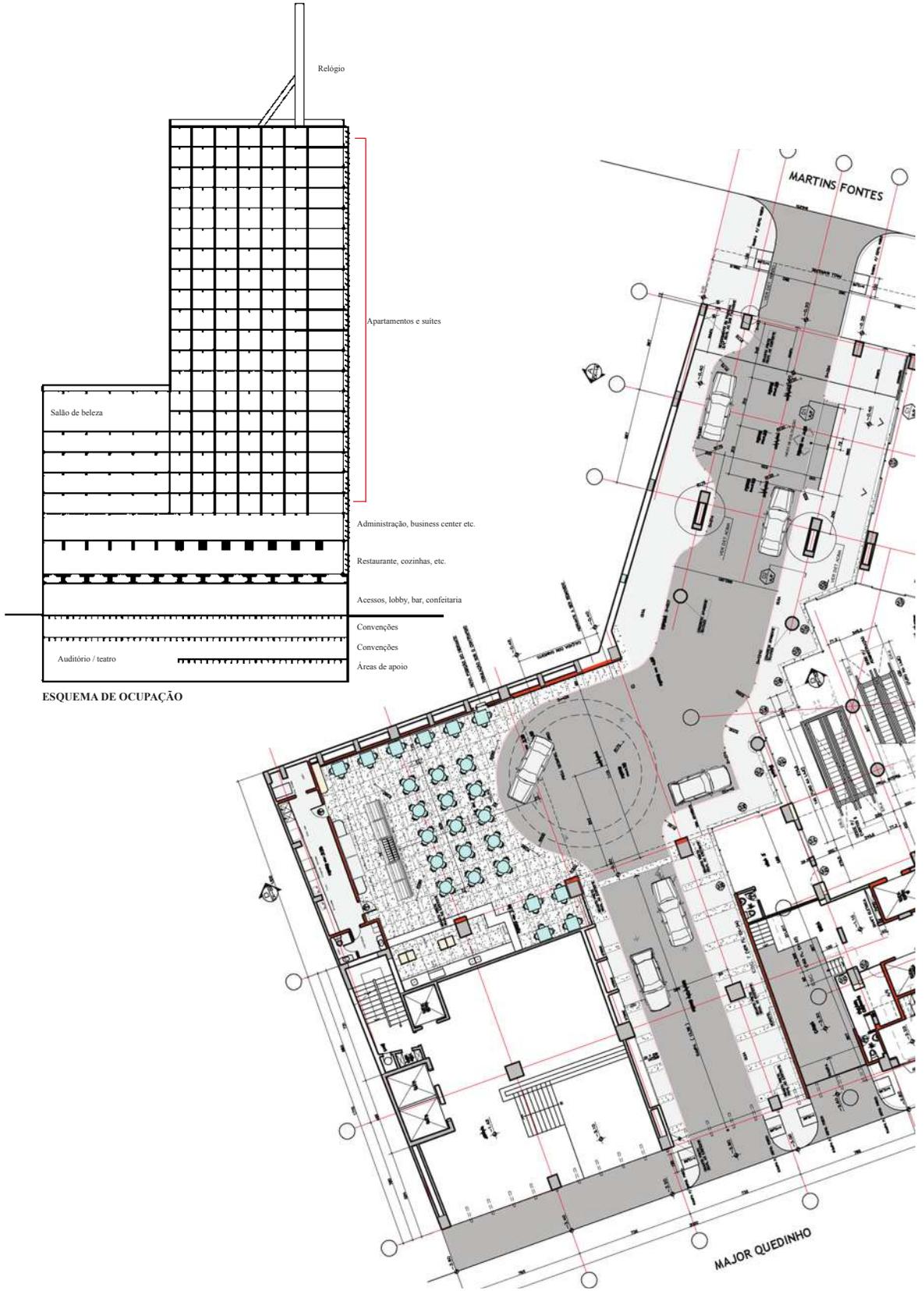
Andar tipo

Com a introdução do sistema de ventilação forçada nos banheiros e ar condicionado nos apartamentos, foi possível a ocupação da área interna para atender a exigência de uma segunda escada e de melhores instalações para os serviços.

1. Hall elevadores hóspedes
2. Elevadores de serviços
3. Suítes
4. Apartamentos.



DEPOIS



ESQUEMA DE OCUPAÇÃO

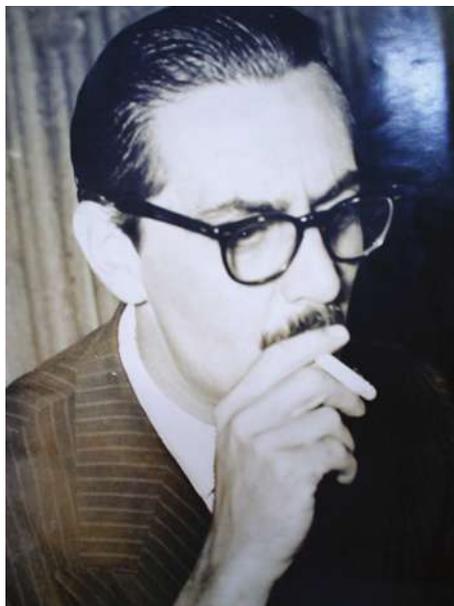
**Anos de brilho.
Celebidades no Jaraguá.**



A baiana Marta Rocha •miss Brasil 1954•
festejada no Jaraguá em 1955.



O primeiro astronauta Yuri Gagarin em visita
a São Paulo hospedado no Jaraguá.



Janio Quadros, após sua renúncia desastrosa.



A famosa Giulietta Masina "Degli Spiriti".



Bob Kennedy, Ministro da Justiça dos EUA, em visita a São Paulo hospedado no hotel Jaraguá.



Nat King Cole em temporada no Jaraguá.



Ben Gurion, fundador do Estado de Israel, em visita a "O Estado de São Paulo", hospeda-se no Hotel Jaraguá.



Dr. Ruy Mesquita recebe o grande jurista Vicente Rao.



A jovem Rainha Elizabeth, toma seu breakfast no Jaraguá.



1960 "El Comandante" Fidel Castro no Jaraguá.



1958 Sofia Loren entrando no Jaraguá.



Federico Fellini dá entrevista no Jaraguá. 1959



Erich von Stroheim discursa na abertura do Primeiro Festival de Cinema de São Paulo, hospedado no Hotel Jaraguá de 11 a 16 de Fevereiro de 1954.



Ella Fitzgerald em temporada no Teatro Municipal hospedada no Hotel Jaraguá. Maio 1960



Gina Lollobrigida



Sir Alexander Fleming no Jaraguá



Luis Carlos Prestes, “O Cavaleiro da Esperança” ao ser entrevistado pelo “Estadão”.



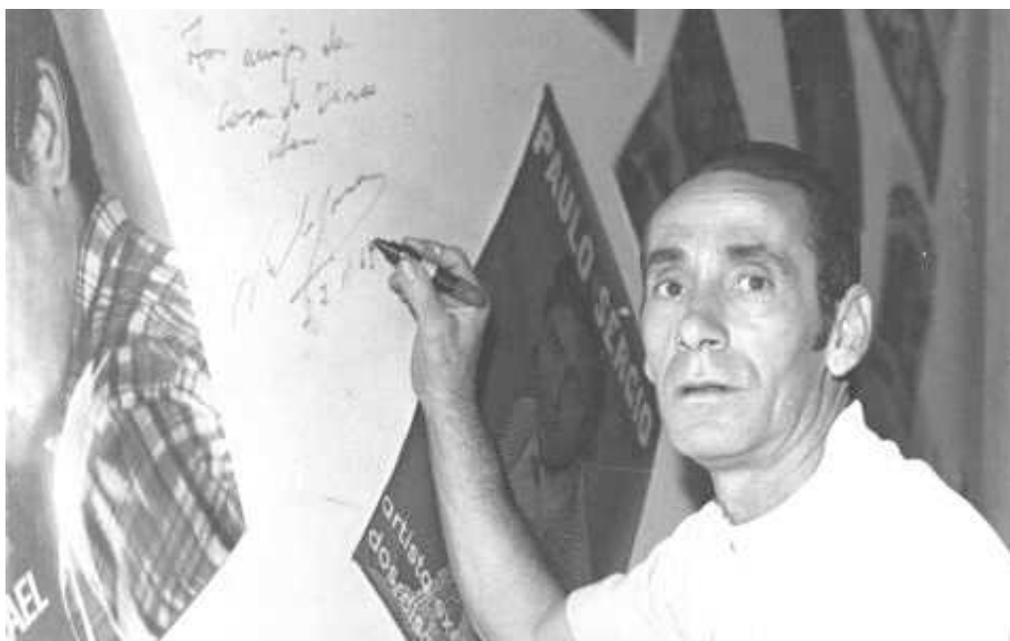
O Brigadeiro Faria Lima, ainda secretário Municipal de Obras e o cacique Raoni no Jaraguá.



Errol Flynn durante o I Festival de
Cinema de São Paulo • 1954 no Jaraguá



Os Jovens Nicete Bruno, Paulo Autran e Tonia Carrero
no Jaraguá no mesmo Festival de 1954



1969 - O "Rei do Rádio" Nelson Gonçalves autografa painel no Jaraguá.



1954 - A benemérita Carmen Prudente com "O Cangaceiro" Milton Ribeiro e esposa no I Festival.

Bibliografia

Architecture Contemporaine Dans Le Monde, n°21. **L'Architecture D'Aujourd'Hui**: Paris, 1948

Acayaba, Marlene. **Residências em São Paulo 1947 -1975**. São Paulo: Projeto, 1986.

Acayaba, Marlene. **Equipamentos, usos e costumes da Casa Brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2000

Aeroporto Santos Dumont, 1936-1996. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

Alcantra Machado, Antônio. **Brás Bexiga e Barra Funda**. São Paulo: L. Martins, 1945.

Alcantra Machado, Antônio. **Vida e Morte do Bandeirante**. São Paulo: L. Martins, 1945.

Albuquerque, Alexandre. **Construções Civis**. São Paulo: edição do autor, 1942

Arantes, Pedro F. **Arquitetura Nova**. São Paulo: Editora 34, 2002

Argan, G. Carlo. **El Arte Moderno**. Valencia: J. Domenech, 1970.

Argan, Carlo G. **Walter Gropius y el Bauhaus**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1957.

Barthes, Roland. **Variaciones sobre la escritura**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

Benjamin, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

Boueri Filho, J.Jorge. **Fator de Dimensionamento da Habitação**. São Paulo: FAUUSP, 1989.

Boueri Filho, J.Jorge. **Antropometria aplicada à Arquitetura, Urbanismo e Desenho Industrial**. São Paulo: FAUUSP, 1993.

Braun, L; Penteadó, S. **Arquitetura e Construção de grandes Obras**. São Paulo: R9 Editora, 2004.

Costa, Lucio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

Costa, Lúcio. **Sobre Arquitetura**. Porto Alegre: Centro Universitário dos estudantes de arquitetura, 1962.

Costa, Lúcio. **Lucio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

Dictionnaire Encyclopédique pour tous. **Petit Larousse**. Paris: Librairie Larousse, 1959.

Droste, Magdalena. **Bauhaus 1919 - 1933**. Berlin: B. Taschen, 1993

Dias, Luís Andrade de Mattos. **Estruturas de aço: conceitos, técnicas e linguagem**. São Paulo Zigurate, 1997.

Eco, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

Engels, F. **El problema de la vivienda**. Barcelona: Gustavo Gili, 1974

Fundacentro. **A segurança higiene e medicina do trabalho na construção civil**. São Paulo: Fundacentro, 1980

Furtado, Celso. **Análise do Modelo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, 3ª edição

Freyre, Gilberto. **Arte, Ciência e Trópico**. São Paulo: Difel, 1980.

Gardner, Stephen. **Le Corbusier**. São Paulo: Cultrix – EDUSP, 1977. Tradução: G. Oliveira e Jamir Martins. Revisão: Paulo J. V. Bruna.

Goodwin Philip L. ; Smith G. E. Kidder. **Brazil Buids** - Architecture modern and old. New York: Moma, 1943.

Gropius, Walter .Bauhaus: **Novarquitectura**. S. Paulo: Perspectiva, 1977.

Wiener, Norbert. **God, Golem & INC**. Cambridge, Ma: MIT Press, 1964.

Jaimovich, M.; Graef, Edgar. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Gertrum Carneiro, 1947

Konigsberger, O.H. **Viviendas y edificios en zonas cálidas y tropicales**. Madrid: Paraninfo, 1977

Klintonowitz, Jacob. **A Ressacralização da Arte**. São Paulo: SESC, 1998

Lemos, C. Corona, E. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.

Lima, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997-1998

Meseguer, A. Gracia. **Controle e garantia da qualidade na construção**. São Paulo: Sinduscon-SP/Projeto/PW, 1991.

Mindlin, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano ed, 1999.

Montaner, J. M. **A Modernidade Superada Arquitetura, Arte e Pensamento do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001

Motta, Flávio. **Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem**. São Paulo: Nobel, 1984.

Mumford, Lewis. **Arte & Técnica**. Lisboa: Edições 70, 1952.

Pevsner, N. **Dicionário Enciclopédico de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

Pompeu de Toledo, Roberto. **A Capital da Solidão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Puppi, Lionello. **A Arquitetura de Oscar Niemeyer**. Rio de Janeiro: Revan ed, 1988.

Read, H.; Francastel P.; Brecht, B. **Sociologia da Arte III –Textos básicos de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

Reis F°, N. Goulart e Burle Marx, R. **Rino Levi**. Milano: Comunità, 1974

Santos, Cecília R. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: Tessela, Projeto, 1987.

Toledo, Benedito Lima de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

Vasconcelos, Augusto C. **O concreto no Brasil**. São Paulo: Pini, 1992

Xavier, Alberto. **Depoimento de uma nova geração**. São Paulo: ABEA/FVA/PINI, 1987.

Zucconi, Guido. **Daniele Calabi architetture e progetti 1932 - 1964**. Veneza: Marsilio, 1992



Agradecimentos

Dr. Ruy Mesquita Filho e José Alfredo Vidigal Pontes “Estadão”
 Edgard Gonçalves e J. Otavio de Lima e Castro da Rádio Eldorado
 Sr. e Sra. Jan Korngold
 Dr. Andrea Sandro Calabi
 Arq. Jerônimo Bonilha e Sergio Teperman

Também aos Professores da FAU USP

Ubyrajara Gilioli, José Pedro Costa, Miguel A. Pereira, Sylvio Sawaia,
 Carlos Lemos, J.J. Boueri F., João W. Toscano,
 Eduardo J. Rodrigues, Carlos A. Faggin,
 Bruno R. Padovano e Maria José G. Feitosa

E aos engenheiros

Augusto Carlos de Vasconcelos
 Mario Franco

Créditos

Valandro Keating croquis fls. 58 e 60
 Nelson Kon fotos pg. 38,61 e 64
 IAB São Paulo fotos pg. 36 e 62
 Celebidades arquivo do “Estadão”
 L’Architecture d’Aujord’hui fotos pg. 23, 30, 34 e 94
 Brazil Builds pg. 12 e 18
 Demais fotos MJ

MJ e Marcelo Mário *layout* da capa
 Colaboraram na produção gráfica
 Rui Jarra e Claudia Maltese

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)